



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
**CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS**  
**CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA**

**NARRALLA KARINE DOS SANTOS OLIVEIRA**

**GÊNERO ENTREVISTA NA SALA DE AULA: RECURSO PARA O ENSINO  
DE LÍNGUA PORTUGUESA**

**CAJAZEIRAS- PB**

**2016**

**NARRALLA KARINE DOS SANTOS OLIVEIRA**

**GÊNERO ENTREVISTA NA SALA DE AULA: RECURSO PARA O ENSINO  
DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras- Língua Portuguesa.

**Orientadora:** Profa. Dra. Fátima Maria Elias Ramos

**CAJAZEIRAS- PB**

**2016**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)

Denize Santos Saraiva - Bibliotecária CRB/15-1096

Cajazeiras - Paraíba

O482gOliveira, Narralla Karine dos Santos.

Gênero entrevista na sala de aula: recurso para o ensino de língua portuguesa/ Narralla Karine dos Santos Oliveira. - Cajazeiras, 2016.

99p.: il.

Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Fátima Maria Elias Ramos.

Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa)

NARRALLA KARINE DOS SANTOS OLIVEIRA

**GÊNERO ENTREVISTA NA SALA DE AULA: RECURSO PARA O ENSINO  
DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras - Língua Portuguesa.

**Aprovado em:** \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Fátima Maria Elias Ramos (orientadora)  
Universidade Federal de Campina Grande

---

Profa. Dra. Rose Maria Leite (membro)  
Universidade Federal de Campina Grande

---

Prof. Dr. José Wanderley Alves de Sousa (membro)  
Universidade Federal de Campina Grande

---

Profa. Dra. Hérica Paiva Pereira (suplente)  
Universidade Federal de Campina Grande

Aos meus adorados pais:

Francisco Valdir de Oliveira  
Vera Lúcia dos Santos Oliveira

Aos meus irmãos:

Disney dos Santos Oliveira  
Maria Shirley dos Santos Oliveira  
José Werley dos Santos Oliveira  
Luiz Jáckson dos Santos Oliveira (*in memoriam*)

Aos meus tão desejados e amados sobrinhos:

Iago Luiz Lima de Oliveira  
Jadson Mateus de Oliveira  
Maria Júlia Oliveira Souza  
Antônio Gabriel Costa de Aquino.

## AGRADECIMENTOS

Neste momento de muita emoção, gostaria de demonstrar minha gratidão às pessoas que contribuíram durante o meu processo de formação docente.

Inicialmente agradeço a Deus, por todas as magníficas graças que Ele tem me proporcionado a cada dia de minha vida.

Sou plenamente grata aos meus pais Francisco Valdir dos Santos Oliveira e Vera Lúcia dos Santos Oliveira por toda a dedicação e amor que sempre tiveram por mim, e nunca me deixarem desistir. Muito obrigada.

Agradeço aos meus irmãos: Disney, Shirley e Werley por todo o incentivo e carinho que sempre me deram. Ao meu irmão Jáckson (*in memoriam*) pelos 17 anos de convivência tendo a dádiva de sua amizade e amor. Sentirei sua falta eternamente.

Sou grata a minha professora de língua portuguesa do ensino médio Neide Aquino que fez brotar em mim o gosto pelas palavras e o amor pela leitura.

Agradeço a minha querida professora e orientadora Fátima Maria Elias Ramos por tamanha paciência e dedicação que teve comigo na construção deste trabalho.

Agradeço também a professora Erlane pelas grandes contribuições na construção deste trabalho.

Sou grata a minha turma Letras 2012.1 por todos os momentos maravilhosos e as dificuldades que passamos. Nestes quase cinco anos que convivemos juntos, vivi os melhores momentos de minha vida, e vocês, meus amados colegas e amigos, que sairão da universidade para minha vida, contribuíram para cada momento de felicidade que vivi.

Desta querida turma não poderia deixar de destacar minhas amadas amigas Cicera Ângela e Maria Gilvânia. Sou muito grata por cada momento de dificuldades que vocês me ajudaram a superar. Wanderlucy e Manoel Messias, também agradeço pela amizade e palavras de apoio ditas por vocês em cada conversa que tivemos, palavras estas que sempre me incentivaram a seguir em frente. Muito obrigada mesmo!

Gessica e Pedro agradeço a vocês também por fazerem parte da construção deste trabalho e pelas palavras de apoio que me deram sempre. Obrigada.

Agradeço as minhas queridas primas: Helena, Gabriela, Nayara, Janaísa, Bárbara, Valdiana, Bruna, Kelma, Keilla, Waleska e Kézia por fazerem parte da minha vida.

Também sou muito agradecida aos meus vizinhos por todo o reconhecimento do esforço que sempre fiz para chegar até aqui. Obrigada.

Agradeço ao meu anjo João, por ter surgido com sua luz e amizade em minha vida.

Neste trabalho têm a contribuição de cada um de vocês, por isso, meus sinceros agradecimentos. Muito obrigada!

“Feliz aquele que transfere o que sabe e  
aprende o que ensina”.

Cora Carolina



## RESUMO

Nas últimas décadas, a investigação acerca dos gêneros textuais ou discursivos esteve presente na agenda de teóricos de diversas áreas do conhecimento, visando aprofundar os saberes acadêmicos sobre esse instrumento tão eficaz para o ensino-aprendizagem das línguas em uma visão sociocomunicativa. Nesta perspectiva, o objetivo deste trabalho foi analisar, do ponto de vista teórico-metodológico, como o gênero entrevista é tomado enquanto recurso para as aulas de Língua Portuguesa no 8º ano do Ensino Fundamental II. Na construção deste, optamos por tomar como base teórica – metodológica a noção de gêneros textuais, bem como a realização de uma pesquisa de natureza bibliográfica e qualitativa sobre essa temática. Apoiamo-nos em documentos oficiais a exemplo dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), e em autores como: Marcuschi (2008, 2011), Antunes (2009), Biasi-Rodrigues (2008), Schneuwly e Dolz (2004), Carvalho e Delmanto (2012), Hoffnagel (2003), entre outros. Além disso, apresentamos uma proposta de intervenção pedagógica realizada com base nos gêneros textuais. Assim, consideramos importante o ensino de Língua Portuguesa ser mais dinâmico e mais interativo por meio dos gêneros textuais, pois, desse modo, contribuirá para a competência comunicativa dos alunos nos usos efetivos da linguagem em suas diferentes práticas sociais.

**PALAVRAS – CHAVE:** Ensino de Língua Portuguesa. Livro Didático. Gêneros Textuais. Entrevista. Intervenção Pedagógica.

## ABSTRACT

In recent decades, research on textual or discursive genres attended the theoretical agenda of various areas of knowledge, aiming to deepen academic knowledge about this effective instrument for teaching and learning languages in a social communicative view. In this perspective, the objective of this trabalho foi analyze the theoretical and methodological point of view, as gender interview is tomado enquanto resource for Portuguese classes in the 8th grade of elementary school II. We rely on official documents, e.g. the National Curriculum Standards (1998), and authors such as: Marcuschi (2008, 2011), Antunes (2009), Biasi-Rodrigues (2008), Schneuwly and Dolz (2004), Carvalho and Delmanto (2012), Hoffnegel (2003), among others. In addition, we present a proposal of educational intervention conducted on textual genres. Thus, we consider important that the teaching of Portuguese language is more dynamic and interactive through the genres, because, therefore, it will contribute to the communicative competence of students in the effective use of language in its social practices.

**KEYWORDS:** Portuguese Language Teaching. Textbook. Genres Textual. Interview. Pedagogical Intervention.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>14</b>
1.1 A língua como fenômeno interacional.....	14
1.2 A relação entre o oral e o escrito nas aulas de língua portuguesa.....	16
1.3 Os Gêneros Textuais e suas implicações no ensino de Língua Portuguesa.....	17
<b>2 O LIVRO DIDÁTICO.....</b>	<b>24</b>
2.1 O Livro Didático no Brasil.....	24
2.2 O Programa Nacional do Livro Didático.....	26
2.3 O Livro Didático de Português.....	27
2.4 Breve descrição sobre o compêndio JORNADAS.port – Língua Portuguesa	29
<b>3 ENTREVISTA – DA TÉCNICA AO GÊNERO.....</b>	<b>32</b>
3.1 A Entrevista.....	32
3.2 O Gênero Textual Entrevista.....	34
<b>4 ANÁLISE DA UNIDADE 3 DO LIVRO DIDÁTICO.....</b>	<b>37</b>
<b>5 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO DIDÁTICA.....</b>	<b>44</b>
5.1 Sequência Didática.....	44
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>55</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>56</b>
<b>ANEXOS</b>	



## INTRODUÇÃO

Com o fenômeno da globalização, vivemos um momento histórico que traz consigo profundas influências socioculturais, e também novas formas de agir em sociedade, conseqüentemente o ensino tem o dever de estar evoluindo juntamente com essas transformações, por isso, percebemos que o ensino de Língua Portuguesa, que antes tomava como um dos objetos exclusivos, a gramática, não deve ser restrito, ou preso, somente à gramática dos textos, considerando apenas o modo como os mesmos se organizam, limitando-os à fórmulas ou esquemas que os afastem dos propósitos comunicativos e de tantos outros fatores relevantes para a interação social. Em razão disto, faz-se necessária e urgente uma mudança na concepção de ensinoaprendizagem, para que os alunos possam utilizar a linguagem de maneira mais eficiente em atos de comunicação.

E, a partir dessa exigência de inovação no ensino, uma das disciplinas que mais sentiu e ainda vem sentindo esse impacto de transformação é a de Língua Portuguesa, já que esta é de primordial importância, pois trata da linguagem e da língua em seus diversos usos. Sabemos que o ensino de Língua Portuguesa objetiva preparar o aluno para usar a linguagem em diversas situações de manifestação da comunicação, e para que isso se concretize o ensinoaprendizagem da Língua Portuguesa deve se basear em propostas que levem cada indivíduo a interagir, com a finalidade de promover o desenvolvimento, principalmente das manifestações comunicativas de cada um da forma mais integral possível.

Devido a esse novo cenário mundial, as instituições de ensino veem-se na obrigatoriedade de reavaliar suas posturas e seus papéis no mundo atual, fazendo com isso uma reorganização dos conteúdos abordados pela escola, antes voltada para o tradicionalismo da gramática, bem como a escolha do material didático-pedagógico, no caso o Livro Didático, utilizado pelo professor, para que esteja voltado a essa nova visão de ensino, que é a partir dos gêneros, e que o professor procure trabalhar com os Gêneros Textuais, denominação que empregamos na realização deste trabalho, não somente utilizando o Compêndio Didático, mas fazendo buscas também em outros materiais metodológicos.

Conseqüentemente, a Língua Portuguesa por ser considerada a “ponte” entre os alunos e suas vidas, na realização comunicativa, dentro e fora da escola, não pode ser

resumida apenas às regras gramaticais, ela é muito mais do que decorar essas convenções, implicando também na apropriação de conhecimentos que vão além da “frase” ou da “oração”, de forma descontextualizada, uma vez que o domínio dessa língua revela-se de importância fundamental para o acesso à demais área dos saberes. E para que os educandos consigam ter um desenvolvimento do saber linguístico é necessária uma leitura compreensiva e crítica de diversos textos, bem como uma produção escrita em linguagem padrão e uma compreensão de diferentes linguagens, todas estas como formas de entendimento do mundo em que eles estão inseridos. Não bastando mais somente aprender a ler e a escrever, é preciso ir mais longe, fazendo da língua uma forma de agir socialmente, um instrumento que nos permite realizar uma interação comunicativa em nossa vida social.

Essa comunicação se realiza a partir de textos, ou melhor, de Gêneros Textuais, sendo eles orais ou escritos, que estão presentes em nossa sociedade nas mais variadas formas. Para que os alunos possam interagir socialmente dentro e fora desse contexto social, é necessário que na escola tenham um ensino de Língua Portuguesa baseado nos Gêneros Textuais, desde os mais simples até os mais complexos, com os quais os alunos venham a ter contato em sua vida diariamente. Ainda partindo da necessidade de uma maior e melhor forma de interação entre os indivíduos na sociedade, ocorre a exigência de novas habilidades para a realização da linguagem, havendo a necessidade de leitores de textos não apenas verbais, mas de uma diversidade de textos multimodais.

Embora o ensino, muitas vezes esteja ainda enraizado no tradicionalismo das tipologias textuais: narração, descrição e dissertação, o professor pode e deve transformar essa realidade, levando para a sala de aula atividades que ensinem os alunos, em seus diversos contextos sociais e práticas de linguagem, a fazerem com que essa realidade ultrapasse as paredes da sala de aula, e influenciem às suas práticas sociais, pois é através de um ensino baseado nos Gêneros Textuais que estão presentes e circulando em nossa sociedade, como os panfletos, os cartazes, notícias, entrevistas, etc., que os alunos conseguirão diferenciar um texto formal de um informal, isto é, serão capazes de saber qual Gênero Textual é o mais adequado para cada momento de interação verbal, logo suas interações sociais se realizarão da forma mais eficiente possível.

Nesta direção o presente trabalho ressalta como o ensino de Português é abordado no Livro Didático do 8º ano do Ensino Fundamental do Ciclo II, *JORNADA.port - Língua Portuguesa*, analisando do ponto de vista teórico-

metodológico, como o gênero entrevista é tomado como recurso para o ensino de Língua Portuguesa na obra, bem como, delinear os pressupostos teóricos que embasam os estudos sobre ensino de Língua Portuguesa a partir dos Gêneros Textuais propostos do LD, com ênfase no gênero entrevista, especificamente na perspectiva interacional. Analisa também, a partir do livro *JORNADAS.port – 8º ano*, como o Livro Didático de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental II aborda o gênero entrevista, propondo uma Sequência Didática aplicável ao 8º ano do Ensino Fundamental II que aborde o gênero entrevista numa perspectiva crítico-criativo. A pertinência da realização deste estudo se justifica considerando que o trabalho com os Gêneros Textuais, no ensino de Língua Portuguesa, deve ser realizado de maneira que possibilite aos alunos a terem um contato mais efetivo com os usos que fazemos da língua em situações de comunicação diária, e consequentemente, a ampliação da competência comunicativa dos mesmos.

Para a construção do trabalho, baseamo-nos em teóricos como: Marcuschi (2008, 2011), Antunes (2009), Schneuwly e Dolz (1998, 2004) no Livro Didático escolhido, entre outros, e para o direcionamento dos nossos objetivos dividimos o nosso trabalho em cinco capítulos, e dentro desses capítulos destacamos tópicos que achamos necessários para uma melhor discussão sobre este tema.

No primeiro capítulo, realizamos uma discussão sobre os Gêneros Textuais e a importância dos mesmos, no ensino de Língua Portuguesa.

Por sua vez, no segundo capítulo, apresentamos inicialmente, um breve resumo da história do Livro Didático de Língua Portuguesa, no Brasil, bem como o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e uma breve referência sobre a obra *JORNADAS.port – Língua Portuguesa do 8º ano do Ensino Fundamental do Ciclo II*.

No terceiro capítulo, ressaltamos a entrevista como técnica, bem como sua realização como gênero textual.

No capítulo seguinte, fizemos uma análise da proposta de ensino do Livro Didático, *JORNADAS.port - Língua Portuguesa*. Nela, destacamos o Gênero Textual “Entrevista” presente no mesmo, sendo esse gênero um instrumento didático pedagógico utilizado para o ensino de Língua Portuguesa.

Por fim, devido à necessidade de um ensino que acompanhe os avanços na forma de comunicação e interação social, no quinto capítulo, propomos uma intervenção didática, com a escolha dos Gêneros Textuais como ferramenta para o ensino da Língua Portuguesa, bem como fazendo uma ressalva sobre a importância dos mesmos para a vida em sociedade.

## **1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Procurando entender de que maneira o ensino de Língua Portuguesa acontece atualmente, especialmente no que se refere à visão da língua como instrumento de interação entre os sujeitos e a necessidade do ensino a partir dos Gêneros, compreendemos este código linguístico como uma ferramenta concreta para se efetivar em diferentes atividades comunicativas, e esta concretização se dando a partir dos Gêneros Textuais.

### **1.1 A língua como fenômeno interacional**

A sociedade e a escola ressentem de muitas heranças deixadas pela perspectiva de um estudo da Língua Portuguesa, centrado na gramática normativa, tendo ainda a frase como um dos focos principais e objeto de análise da língua, com uma atenção muitas vezes voltada para os fenômenos linguísticos que a constituem, isolados do seu contexto de uso, em que os fatos de interação e as finalidades comunicativas pouco importam e sem considerar a língua como ferramenta, para que os indivíduos possam interagir socialmente.

Contudo, nenhuma língua pode existir em função de si mesma, desvinculada de seus usuários, ela é uma ação social realizada para o cumprimento de determinados objetivos, com interlocutores realizando diferentes propósitos comunicativos, visto que a língua está à disposição das pessoas, de seus objetivos de interação real, de acordo com os eventos e os estados em que se encontram os interlocutores. Sendo que a mesma assume sua concretização em atividades ou atuações comunicativas, como forma de ação nas práticas sociais.

[...] a língua é considerada como uma atividade social, como forma de ação, como lugar/espço de interação entre sujeitos, em um determinado contexto social de comunicação. Nesse espaço de interação, os sujeitos que dele participam vão construindo sentidos em suas trocas linguísticas, orais ou escritas, em função das relações que cada um mantém com a língua, de seus conhecimentos sobre o tema do qual falam ou escrevem, ouvem ou lêem, de seus conhecimentos prévios, atitudes e preconceitos, das imagens que constroem um sobre o outro, etc. [...] (COSTA-VAL, 2005, p. 14).



Surge, então, com a visão da língua como um instrumento de interação entre os sujeitos, a necessidade de um ensino que torne o aluno capaz de se realizar comunicativamente, a partir da leitura e da escrita. Bagno (2002) sugere que diante dessa visão, deveremos propor então um ensino de língua que tenha por objetivo incentivar o aluno a adquirir um grau de exercício da capacidade de utilização da leitura e da escrita, como uma forma de interação cada vez mais elevada, isto é, desenvolver nele um conjunto de habilidades e comportamentos de leitura e escrita que lhe permita fazer o maior e mais eficiente uso possível das habilidades de ler e escrever.

Sendo a nossa língua um ponto de encontro entre nós e aqueles que fazem parte da nossa história, ela não pode ser vista ou estudada como algo abstrato ou rígido. De fato, a língua não existe sob a forma de uma entidade concreta, o que realmente existe são os falantes e ouvintes que a realizam na interação uns com os outros, e estes são os que fazem usos da língua, ou dos recursos linguísticos para a realização da interação, possibilitando, com isso também, a circulação de valores culturais que marcam cada situação, tempo e lugar.

E na utilização prática que fazemos da língua, em situações de interação verbal, a mesma se dá e se realiza em textos, uma vez que falamos ou escrevemos sempre por meio dos mesmos. A esse respeito, Antunes (2009, p. 49) expõe o seguinte:

Influências que vieram de muitas direções, principalmente do campo da pragmática, das perspectivas interacionais da linguagem, conduziram à *linguística* até o âmbito mais amplo da língua como *forma de atuação social e prática de interação dialógica*, e, a partir daí, até a *textualidade*. Ou seja, se chegou a dois consensos: o de que *usar a linguagem é uma forma de agir socialmente, de interagir com os outros*, e o de que *essas coisas somente acontecem em textos* (Grifo da autora).

Nesta perspectiva, podemos entender que a língua se concretiza a partir de textos, em que estes são vistos como produtos resultantes de atividades interacionais humanas, sendo que cada texto produzido pelos sujeitos acontece com uma relação de interdependência com as características dos contextos sociais em que são produzidos.

E a partir do momento que se toma o fenômeno linguístico como uma atividade realizada pelos indivíduos, o estudo da língua considera como foco as intenções sociocomunicativas que colocam em interação os interlocutores, trazendo o texto para os estudos significativos da língua, com este aparecendo nas relações dos sujeitos

atuantes em práticas sociais. E a realização da língua se apresenta em forma de texto, tanto como um conjunto de formas, ou como um discurso constituído no próprio processo da enunciação no momento da interação, marcado por suas dimensões e temporalidades.

De fato, o estudo da língua, no ambiente escolar, deve ser feito de uma maneira que esta seja vista como uma ferramenta de realização da interação entre os sujeitos, no momento dos atos linguísticos, que se dão sempre através da língua, por meio de sua concretização. Com isso, identificamos que o estudo da Língua Portuguesa não deve restringir-se apenas ao estudo linguístico da palavra ou da frase isolada, pois a mesma se realiza a partir da interação entre os interlocutores, tendo os Gêneros Textuais como sua realização concreta, nessa direção, este será o assunto abordado no tópico seguinte.

## **1.2 A relação entre o oral e o escrito nas aulas de língua portuguesa**

Entendemos que o significado do texto se edifica na interação entre os interlocutores, oralmente ou por escrito. Identificamos que existem diferenças entre a interação oral e escrita. Na interação oral ocorre um envolvimento maior do sujeito com a circunstância comunicativa, com seu interlocutor, uma vez que os mesmos estão localizados num mesmo lugar e compartilham de entendimentos comuns. No entanto, o texto escrito é marcado por um elevado nível de coerência entre autor e leitor, ainda que estes não ocupem o mesmo ambiente e o mesmo momento no período da construção e da decodificação da mensagem escrita.

Isso se justifica pelo fato de que a condição de comunicação da língua escrita é distinta da situação de interação da língua oral, mesmo que o sistema lingüístico seja igual nas duas modalidades. Os interlocutores do texto escrito não interagem diretamente um com o outro, quem escreve não conhece as reações que as expressões geram, não conta com os elementos de entoação, reflete para escrever e tem a chance de recompor o texto, corrigindo-o e até mesmo reelaborando-o, o que não ocorre nas ocasiões de fala. Por isso, o trabalho com a oralidade tem a necessidade de voltar-se, especialmente, para a busca da clareza na apresentação das opiniões e da coerência argumentativa na justificação de pontos de vista.

Por tanto, nas aulas de Língua Portuguesa é necessária a aplicação de atividades que proporcionem ao aluno a capacidade de modificar textos falados em

escritos ou a analisar a organização de textos das duas modalidades, isso são táticas competentes para que o educando entenda como a linguagem funciona e, assim, amplie adequadamente seus métodos interacionais de oralidade e escrita, indispensáveis para permanecer aprendendo a agir e interagir nas práticas sociais que abarcam esses conhecimentos. No entanto, o aluno precisa ter a capacidade de entender que o texto escrito não é uma transcrição da fala e que fala e escrita são distintos instrumentos disponíveis para ele interagir com o outro em um contexto social determinado.

### **1.3 Os Gêneros Textuais e suas implicações no ensino de Língua Portuguesa**

Atualmente percebemos que a nossa realidade social tão maleável, no que se refere aos meios de comunicação, vem afastando cada dia mais os alunos das práticas de leitura. Os videogames, a TV, o celular etc. são alguns instrumentos que têm motivado desinteresse de uma leitura focada no ensino, principalmente no ambiente escolar, formando, com isso, estudantes alheios a conhecimentos alusivos aos diversos textos presentes em nossa sociedade.

Aliado a isto, deparamo-nos com uma escola que, de modo geral, ainda tem a visão de estudo do fenômeno linguístico centrado na língua como objeto de exploração, em que os fatos de interação se reduzem, geralmente, aos itens gramaticais, tais como: substantivos, adjetivos, frases, orações, etc. Porém, essa mesma escola deveria ser hoje um lugar de formação de indivíduos, sendo que nesse ambiente deve dar-se maior destaque e importância ao ensino de Língua Portuguesa a partir dos Gêneros Textuais, pois é através deles que os sujeitos realizam seus fins comunicativos interagindo uns com os outros diariamente.

Nossa fala e escrita, na interação com o outro, se realiza sempre a partir do texto, sendo impossível a realização da comunicação verbal a não ser pelo mesmo. Daí a realização dos gêneros ocorre a partir dos textos no ato da nossa comunicação, logo ao se trabalhar a língua, nessa perspectiva, estamos necessariamente trabalhando os Gêneros Textuais. Embasado neste pressuposto, Marcuschi (2011, p. 20) afirma:

Todas as nossas manifestações verbais mediante a língua se dão como textos e não como elementos linguísticos isolados. Esses textos são enunciados no plano de ações sociais situadas e históricas. Bakhtinianamente falando, toda a manifestação linguística se dá como discurso, isto é, uma totalidade vivida e concreta da língua e não como uma abstração formal que se tornou o objeto

preferido e legítimo da lingüística. O enunciado ou discurso não é um ato isolado e solitário, nem na oralidade, nem na escrita. [...]

Ora, sabemos que o homem é um ser social, que vive e convive em um determinado contexto com os demais indivíduos, em que suas condutas são um resultado histórico de socialização. Então, no processo de realização interativa, o homem faz uso da linguagem para atingir seus objetivos comunicativos. E é na realização efetiva da comunicação que as pessoas utilizam textos orais ou escritos, em que os mesmos apresentam características peculiares, constituindo, assim, os Gêneros Textuais, que estão presentes nas mais variadas formas, e nos diversos usos da língua.

Marcuschi (2008) também nos fala que um dos problemas que podemos identificar, em relação ao ensino é o tratamento catastrófico e inadequado que o texto vem recebendo em sala de aula, uma vez que mesmo com diversas formas que atualmente vêm sendo tentadas e com sua introdução no ensino como uma motivação para o mesmo, as formas de trabalhá-lo não sofreram mudanças, ou seja, a escola ainda aborda o texto de maneira habitual, lidando com o mesmo apenas como um pretexto para um enfoque nos elementos lingüísticos que os constituem, bem como desprezando fatores extralingüísticos externos a ele.

Sabemos que um problema do ensino é o tratamento inadequado, pra não dizer desastroso que o texto vem recebendo, não obstante as muitas alternativas e experimentações que estão sendo hoje tentadas. Com efeito, introduziu-se o texto como motivação para o ensino sem mudar as formas de acesso, as categorias de trabalho e as propostas analíticas (MARCUSCHI, 2008, p. 52).

Percebemos, com isso, que ainda temos uma tradição escolar acostumada em analisar apenas as tipologias textuais, principalmente a narração, a descrição e a dissertação e, em vez de focar o ensino nos gêneros, os professores abordam essas tipologias como sinônimos de textos, ou melhor, de Gêneros Textuais, abarcando apenas elementos lingüísticos dos textos, desconsiderando as funções comunicativas que os mesmos exercem na interação entre os sujeitos no seu contexto social.

Contrários a essa prática docente limitada, abordamos aqui uma outra perspectiva. Biasi-Rodrigues (2008) destaca concepções correntes de gêneros definidas por alguns teóricos, e afirma que estes concebem os Gêneros Textuais como técnicas sociais de interação que se moldam de acordo com os objetivos comunicativos

pretendidos e podem variar a partir de cada circunstância e convenções colocadas em diferentes comunidades comunicativas, e estas produzem seus gêneros ou se adaptam a outros já formados sócio historicamente vinculados à vida cultural e social dos sujeitos envolvidos. Com isso, entendemos que os gêneros são ferramentas importantíssimas que os sujeitos dispõem para agir e interagir em diversos campos da atividade humana, legitimando assim suas práticas discursivas.

Alinhando-se a essa posição, Marcuschi (2005) declara o ponto de vista de Bazerman (1994) ao afirmar que os gêneros são rotinas sociais de nosso cotidiano, por isso fazem parte de nossas ações linguísticas.

Biasi-Rodrigues (2008, p. 58) cita também o pensamento de Swales (1990), outro teórico que instigado através de diversos campos de estudo, estabelece sua competente definição de gênero da seguinte maneira:

O gênero é constituído de uma classe de eventos comunicativos, cujos membros compartilham um conjunto de propósitos comunicativos. Esses propósitos são reconhecidos pelos membros mais experientes da comunidade discursiva original e portanto constituem a razão do gênero. (...) Além do propósito, os exemplares do gênero demonstram padrões semelhantes, mas com variações em termos de estrutura, estilo, conteúdo e audiência pretendida. (...) Os gêneros têm nomes que são herdados e produzidos pelas comunidades discursivas e importadas para outras comunidades.

Assim, na utilização efetiva dos Gêneros Textuais, por parte dos sujeitos, concordamos também com vários autores quando afirmam que os gêneros não são entidades estanques, invariáveis, que seguem um único e determinado padrão, mas sim maleáveis, híbridos, constituídos historicamente a partir dos contextos sociais em que são produzidos, sendo utilizados pelos indivíduos com um fim específico na comunicação, por isso sendo impossível a realização da contagem e da classificação dos mesmos.

Nessa mesma linha de pensamento sobre a flexibilidade, a maleabilidade e também as contínuas mudanças dos gêneros no decorrer do tempo, concordamos com Antunes (2009, p. 55), quando afirma:

Mas vale ressaltar ainda que, apesar de típicos e de estáveis, os gêneros são também flexíveis; quer dizer, variam no decorrer do tempo, das situações, conforme a própria trajetória cultural diferenciada dos grupos em que acontecem. Variam ainda porque assumem novas formas, novas representações e valores; porque alteram sua frequência de ocorrência ou,

ainda, porque surgem “caras novas”, isto é, surgem gêneros novos (o *e-mail*, o *blog*, a teleconferência, por exemplo).

Nessa direção, sabemos que o conceito de Gêneros Textuais também envolve outros elementos, além dos linguísticos, pois abrange diferentes normas que se determinam a partir das práticas sociais que regem a interação concretizada pelo uso da língua(gem). Surge, assim, a necessidade de se conhecer os diferentes gêneros que circulam oralmente ou por escrito e fazem parte do conhecimento que devemos ter de mundo, de nosso acervo cultural.

Segundo Wachowicz (2012, p. 28), o gênero é a ferramenta de interação entre os sujeitos na sociedade, porque ampara as vozes no momento em que eles estão interagindo, sendo que a comunicação entre os indivíduos não se realiza simplesmente como decodificação das informações, ou a partir de frases soltas, isoladas, descontextualizadas, mas sim através de uma interação, com sujeitos envolvidos, realizada por meio de gêneros, por isso, a grande necessidade do domínio dos mesmos por parte dos usuários.

Pelo que foi ressaltado acima, compreendemos que um ensino voltado para o tradicionalismo, não considera de maneira eficiente os inúmeros Gêneros Textuais presentes na sociedade, privilegiando, muitas vezes, apenas os Gêneros Literários, menosprezando os Gêneros Textuais presentes nas práticas orais, principalmente por considerar a linguagem falada de menor prestígio linguístico. Podemos constatar isso também no posicionamento de Bagno (2002, p. 55):

O ensino tradicional nunca levou em conta a infinita variedade de gêneros textuais existentes na vida social, limitando-se a abordar somente os gêneros escritos literários de maior prestígio- o conto, o romance, às vezes a crônica, raramente a poesia-, e desprezando quase completamente o estudo dos gêneros textuais característicos das práticas orais, sobretudo por causa do milenar preconceito contra a língua falada, tradicionalmente considerada “caótica” e “sem gramática”. [...]

Acreditamos que com a tomada do estudo dos gêneros pelos alunos, os problemas de construção e de entendimento dos textos seriam abrandados com uma maior facilidade e, conseqüentemente, superados, uma vez que o contato frequente dos alunos com vários gêneros os tornariam capazes de reconhecer e internalizar as características mais comuns e peculiares desses gêneros, e ainda serem capazes de modificar esses padrões já existentes e até produzir novos gêneros.

Acreditamos também que uma das funções principais da escola, além de educar, é formar sujeitos agentes, protagonistas de suas ações sociais, por isso, além da abordagem dos gêneros voltados para a vida cotidiana do aluno, é necessário que neste ambiente seja realizado o ensino de gêneros pertencentes à comunicação formal pública. Gêneros estes que abarcam o trabalho com a oralidade e com a escrita, neste sentido, Schneuwly e Dolz (2004) nos dizem que o papel da escola, para com os alunos, é levá-los a transcender os modos de construção oral no cotidiano para confrontá-los com diferentes modos mais formais, relativamente pautados por exceções exteriores.

A partir dessas considerações, entendemos que, se abordarmos o estudo da língua, como um objeto utilizado pelos sujeitos, na interação social, como um meio de atingir seus propósitos comunicativos, ou como uma forma de agir e interagir socialmente e, ainda, a partir da visão da constituição dos Gêneros Textuais, esse estudo tornará o conhecimento algo mais dinâmico, mais interativo e, conseqüentemente, mais atrativo, capaz de despertar no aluno um interesse maior pelo conhecimento, uma vez que não trata somente de elementos ligados ao ambiente escolar, que não é apenas um estudo voltado para o tradicionalismo que tem a visão do texto como algo estanque, nem apenas um estudo ligado aos elementos linguísticos que o constituem. A dinamicidade e maleabilidade dos Gêneros Textuais podem ser observadas pelo que diz Marcuschi (2008, p. 156):

Na realidade, o estudo dos Gêneros Textuais é uma fértil área interdisciplinar com atenção especial voltada para o funcionamento da língua e para as atividades culturais e sociais. Desde que não concebamos os gêneros como modelos estanques nem como estruturas rígidas, mas como formas culturais e cognitivas de ação social corporificadas de modo particular na linguagem, devemos ver os gêneros como entidades dinâmicas [...].

Nessa perspectiva, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) também reconhecem que os Gêneros Textuais são constituídos historicamente, e que a língua falada e escrita não devem ser trabalhadas de forma dicotômica, ou seja, de forma separada. E a partir de 1997/ 1998, com os PCN convoca-se a noção de Gêneros Textuais como objeto de ensino dos eixos de uso da língua materna em práticas de leitura e produção, e o texto passa a ser visto como a materialização dos gêneros.

Quando se toma o texto como unidade de ensino, ainda que se considere a dimensão gramatical, não é possível adotar uma caracterização preestabelecida. Os textos submetem-se às regularidades linguísticas dos

gêneros em que se organizam e às especificidades de suas condições de produção: isso aponta para a necessidade de priorização de alguns conteúdos e não de outros (BRASIL, 1998, p. 78-79).

O documento defende também, no processo de ensinoaprendizagem nos diferentes ciclos do Ensino Fundamental, que os alunos ampliem o domínio do discurso nas várias situações comunicativas em que eles atuam diariamente, principalmente nas instâncias públicas do uso ativo da linguagem, ampliando assim suas possibilidades de desempenho no meio social, induzindo, a partir desse ensino de Língua Portuguesa, os sujeitos envolvidos nesse processo de ensinoaprendizagem ao conhecimento necessário para interagir de maneira produtiva com seus pares em diferentes situações comunicativas.

É nesse contexto teórico que os PCN de Língua Portuguesa apoiam a utilização dos Gêneros Textuais para a concretização dos processos de ensinoaprendizagem de Língua Portuguesa, partindo do pressuposto básico de que o texto é um construto social, produto da interação social que apresenta diferentes formas de acordo com seus fins sociais.

A partir dessas afirmações, compreendemos que a língua se concretiza em textos, constituindo assim uma forma de comportamento social, ou seja, os indivíduos atuam socialmente por meios verbais. Com seus textos orais ou escritos, esses mesmos indivíduos realizam seus fins comunicativos. Portanto, é importante tomar os gêneros como referência para o ensino da língua, conseqüentemente, para desenvolver nos alunos competências sociocomunicativas, para que atuem na sociedade como protagonistas, capazes de agir criticamente.

Com isso, percebemos que um dos muitos benefícios de se trabalhar com os Gêneros Textuais é o fato de proporcionar o desenvolvimento da autonomia do aluno na prática de leitura, produção e compreensão de textos, como efeito do domínio da linguagem em todas as ocasiões de comunicação, uma vez que é por meio dos gêneros que as práticas da linguagem se agrupam nas atividades diárias dos alunos.

Sendo assim, ensinar a Língua Portuguesa aos alunos não é somente ensinar a gramática de forma isolada do seu contexto, mas, sim, ensiná-los a escolher e reconhecer o Gênero Textual adequado para cada situação de comunicação e a usá-lo com segurança e propriedade, para que surta os fins almejados em suas experiências de vida, não somente na escola, mas também fora dela e em diferentes contextos sociais.



Além disso, desde que nos constituímos como seres que interagem socialmente, os Gêneros Textuais são instrumentos poderosos, presentes no nosso contexto social, que nos permitem atuar e interagir nele. E um ensino que tenha os Gêneros Textuais como instrumento para a realização do mesmo, não amplia somente a competência linguística e discursiva do aluno, mas também lhe dá subsídio para a participação ativa em sociedade.

Consequentemente, na busca de uma adequação à proposta dos PCN, os autores de Livros Didáticos de Língua Portuguesa passaram a ter a preocupação de favorecer aos educandos o contato com vários gêneros que estão presentes diariamente na sociedade em que vivem. Com isso, diferentemente de livros das décadas anteriores que eram elaborados, na maioria das vezes, com textos literários, restringindo-se a um texto principal e outros dois complementares, hoje, os livros didáticos de Língua Portuguesa já têm apresentado uma grande diversidade de Gêneros Textuais.

Por essas razões, reafirmamos a opção pelo tema dos Gêneros Textuais, pois mesmo sendo um assunto complexo, o consideramos também como algo fascinante que se faz presente nos fatos linguísticos quando nos realizamos interativamente e nas situações comunicativas. Para isto, escolhemos o Livro Didático de Língua Portuguesa do 8º ano do Ensino Fundamental do Ciclo II intitulado *JORNADAS.port* – Língua Portuguesa, o qual trabalha em sua constituição diversos gêneros. Dentro dessa variedade genérica, fizemos um recorte do Gênero Textual entrevista por entendermos que a sua realização concreta se dá a partir do envolvimento entre, no mínimo, dois sujeitos, e consideramos que ao trabalhá-lo com os alunos, os professores estarão proporcionando-os situações em que consigam realizar-se interativamente de forma ativa.

Nesse sentido, tecemos a seguir alguns comentários acerca do livro didático no Brasil, principalmente o de Língua Portuguesa.

## 2. O LIVRO DIDÁTICO

Ao longo dos anos, diversas pesquisas vêm sendo realizadas a respeito do Livro Didático, investigações estas relacionadas aos mais variados aspectos que estão voltados para o mesmo, tais como: o aspecto pedagógico, o político, o econômico, o cultural, entre outros.

Neste capítulo, fizemos, de modo geral, um relato, sob o aspecto teórico-metodológico, sobre o Livro Didático no Brasil, bem como uma inserção do Livro Didático de Língua Portuguesa (LDLP); destacamos também, em uma breve síntese, o trabalho realizado pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e, finalizamos, apresentando um resumo sobre o *corpus* analisado neste trabalho, extraído do Livro Didático de Língua Portuguesa JORNADAS.port- Língua Portuguesa (2012) do 8º ano do Ensino Fundamental do Ciclo II.

### 2.1 O Livro Didático no Brasil

Este tópico aborda de maneira historicizada, a partir da minha compreensão acerca do assunto, o processo da inserção dos Livros Didáticos no Brasil, principalmente o de Língua Portuguesa, e o Programa Nacional do Livro Didático, a partir de leituras realizadas em livros como *O Livro Didático de Português - múltiplos olhares* (2005), entre outros, no Portal do Ministério da Educação e em artigos de teóricos que tratam da mesma temática.

Dentre as diversas tecnologias de codificação e transmissão de conhecimento, criadas pelo homem, a mais duradoura e eficiente é o livro. E por se constituir historicamente como principal instrumento pedagógico, o Livro Didático é muito utilizado nas escolas públicas e privadas do Brasil. Sendo também um objeto de estudo de diversos pesquisadores, uma vez que, ao longo da história do Brasil, ele foi, e é considerado um objeto indispensável para a efetivação do ensinoaprendizagem.

Na obra *A Política do Livro Didático* de Oliveira Guimarães e Bomery (1984, p. 11), estes autores nos dão a seguinte definição do que é o Livro Didático: “material impresso, estruturado, destinado ou adequado a ser utilizado num processo de aprendizagem ou formação”. Nesta mesma obra, os autores ressaltam que o LD é

constituído das seguintes características: consumo obrigatório, resultado do vínculo direto com a organização do sistema de educação, constituição de um mercado escolar e número grande de tiragem das edições.

No Brasil, o Livro Didático surgiu em meados do século XIX, e os primeiros livros começaram a ser introduzidos na nossa cultura com a vinda da família real portuguesa ao Brasil, uma vez que ela buscava impor sua cultura, costumes e educação. De acordo com Boto (1997), a alfabetização das crianças da Colônia era feita com a utilização das “cartinhas”, em seguida, receberam o nome de “cartilhas”, que também foram usadas em Portugal.

Um dos mais importantes Livros Didáticos, daquela época, foi a “Cartinha de Aprender a Ler” de João de Barros, escrita no idioma português e impresso em 1539, bastante tempo anterior ao surgimento da imprensa no Brasil. Esta “cartilha” foi usada pela oficina de Luiz Rodrigues, com o objetivo de ensinar as primeiras letras e os mandamentos da Santa Madre Igreja. Posteriormente, já com a imprensa instalada no Brasil, a escola passa a ter uma maior preocupação em levar mais Livros Didáticos para os alunos, multiplicando, na escola, o número de livros.

Com o decorrer das décadas, a história do Livro Didático no Brasil fundamentou-se principalmente em uma sequência de Decretos e Leis imposta pelo governo a partir de 1930. Em 1937, evidenciam-se as primeiras iniciativas do então Estado Novo para o asseguramento da distribuição de obras relacionadas à educação com a criação de Instituto Nacional do Livro (INL) e, dentro deste, estruturou-se vários órgãos operacionais menores. Era dever deste estabelecer atividades que estavam relacionadas com o Livro Didático, bem como manter convênios com instituições que apresentassem a produção e a distribuição do Livro Didático. E com outro Decreto-Lei Nº 1.006 de 30/ 12/1938 é definido, pela primeira vez, o que deve ser entendido por Livro Didático, sendo que, através deste, é criada também uma Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD), com a função de examinar e julgar os mesmos. Por meio deste Decreto-Lei, o Livro Didático foi conceituado da seguinte forma:

Compêndios que expõem total ou parcialmente, a matéria das disciplinas constantes dos programas escolares [...] livros de leitura de classe são os livros usados para leitura dos alunos em aula; tais livros também são chamados de livro-texto, compêndio escolar, livro escolar, livro de classe, manual, livro didático (OLIVEIRA, 1980 apud FREITAG; COSTA; MOTTA, 1997, p. 13).

Na década de 60, com um acordo entre o Ministério da Educação (MEC) e a Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional (USAID), é criada a Comissão do Livro Técnico e do Livro Didático (COLTED), esta propunha um programa de desenvolvimento que incluía a instalação de bibliotecas e também o treinamento de professores ou instrutores. Mas, somente em 1980, são lançadas as diretrizes básicas do Programa do Livro Didático-Ensino Fundamental (PLIDEF), em seguida acrescenta-se a PLIDEF e a PLIDESU, para o Ensino Médio e Supletivo. Em abril de 1983 é criada pela lei Nº 7.091 a Fundação de Assistência ao Estudante (FAE), órgão subordinado ao MEC, encarregado dos programas de assistência ao estudante. E dos vários programas criados, a partir de 1971 somente o PLIDEF sobreviveu até 1993.

## **2.2 O Programa Nacional do Livro Didático**

Em 1985, com a edição do Decreto Nº 91.542, de 19/08/1985 surge o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Com este, aconteceram relevantes e significativas mudanças ao antigo programa do Livro Didático, estabelecendo metas e ações no que se refere ao atendimento a todos os alunos do Ensino Fundamental das escolas públicas federais, estaduais, em todo território nacional.

O PNLD é considerado o mais antigo programa de distribuição de Livros Didáticos aos estudantes da rede pública de ensino brasileiro e, ao longo dos anos, o programa foi se aperfeiçoando e recebendo diferentes denominações e formas de execução. Com este programa, a indicação do Livro Didático passou a ser tarefa dos professores, além disso, propôs ao mesmo tempo a reutilização do livro, a extensão de ofertas aos alunos, entre outros.

Com a participação efetiva do professor na escolha do Livro Didático, o governo cria o Guia de Livros Didáticos através do PNLD, este guia traz sugestões de livros para todos os anos, com a aprovação ou não das obras escolhidas. No decorrer dos anos, a partir do PNLD é realizada a distribuição para as escolas públicas livros de diversas disciplinas, bem como dicionários de Língua Portuguesa, a princípio de disciplinas básicas como Língua Portuguesa e Matemática, depois às demais disciplinas.

O programa é realizado em ciclos trienais de forma alternada, e em que cada ano os livros são adquiridos e distribuídos para os estudantes de um determinado

segmento, que pode ser dos anos iniciais do Ensino Fundamental, dos anos finais do Ensino Fundamental ou do Ensino Médio. Livros estes que, a partir de sua escolha, serão utilizados para o período de três anos. Juntamente com o PNLD, o governo executa outros dois programas voltados para o Livro Didático, que são: O Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio (PNLEM), criado em 2004, e o Programa Nacional do Livro Didático para a Alfabetização de Jovens e Adultos (PNLA), criado em 2007.

O tratamento dado ao Livro Didático de Português, a partir do PNLD, será tratado no subtópico seguinte.

### **2. 3 O Livro Didático de Português**

Segundo Soares (2001), no fim do século XIX e em meados do século XX, os manuais didáticos destinados para o ensino de Língua Portuguesa eram as antologias que provinham de Portugal e foram utilizadas no Brasil. No ano de 1895 é utilizada no Brasil, pela primeira vez, a Antologia Nacional (AN), com a finalidade de ajudar no ensino de Português, tendo, como foco principal, a leitura. Seus textos tiveram grande importância para o ensino desde sua publicação no ano de 1895 até 1930, não sendo desprezada totalmente nos anos que se seguiram, porém foi utilizada com menos intensidade.

Até a década de 60, os textos que compunham o Livro Didático de Português eram apenas os literários. A partir de influências da linguística estrutural e da teoria da comunicação, na década de 70, os LDLP passam a ser compostos por, além dos textos literários, juntam-se a eles textos jornalísticos e de histórias em quadrinhos. Ressalta-se que o texto visto a partir desta concepção perdura até a metade dos anos 80; em seguida, além de ser concebido pela visão do texto como unidade linguística, ele também tem sua concepção vista por um caráter pragmático. Podemos constatar isto a partir das palavras de Bezerra (2005, p. 36):

Essa concepção de texto como unidade linguística que contém um significado a ser decodificado pelos leitores predomina nos LDP até aproximadamente metade dos anos 80. Isso não significa dizer que, nos últimos vinte anos, não se encontre mais essa concepção, ela ainda está presente, apenas concorre com outra de caráter pragmático: o texto como unidade linguístico-

pragmática, organizada com base em critérios de coerência, coesão, situacionalidade, informatividade, aceitabilidade e outros, podendo ser oral ou escrita e possível de ser interpretada de formas variadas.

Assim, nos anos 80, temos a concepção do texto com influência da pragmática, e passam também a ser considerados critérios de coesão, coerência, situacionalidade, etc. Já com os estudos sociolinguísticos, o eixo de ensinoaprendizagem de português passa a ser o texto, considerando agora sua função social a partir das características predominantes de cada gênero.

De acordo com Rangel (2005), os critérios de análise do LDLP, a partir de mudanças ocorridas na metodologia do ensino de Língua Portuguesa com a “virada pragmática” modificaram, e passou-se a verificar se cada livro inscrito na avaliação do PNLD:

Oferece ao aluno textos diversificados e heterogêneos, do ponto de vista do gênero e do tipo de texto, de tal forma que a coletânea seja o mais possível representativa do mundo da escrita; prevê atividades de leitura capazes de desenvolver no aprendiz as competências leitoras implicadas no grau de proficiência que se pretende levá-lo a atingir; ensina a produzir textos, por meio de propostas que contemplem tanto os aspectos envolvidos nas condições de produção, quanto os procedimentos e estruturas próprias da textualização; mobiliza corretamente a língua oral, quer para o desenvolvimento da capacidade de falar/ ouvir, quer para a exploração das muitas interfaces entre oralidade e escrita; desenvolve os conhecimentos lingüísticos de forma articulada com as demais atividades. (RANGEL, 2005 p. 19)

Nas décadas que antecederam os anos 90, os livros se restringiam a um texto que era considerado como principal, mais importante, e outros, no máximo três, complementares. A partir de 1990, os livros trazem diversos textos de variados gêneros, não apenas para atingirem finalidades didáticas, mas também de constante uso na sociedade letrada.

A década de 90 é marcada pela criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) que passaram a ser o princípio norteador do currículo e das práticas didáticas na sala de aula.

O processo de elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais teve início a partir do estudo de propostas curriculares de Estados e Municípios brasileiros, da análise realizada pela Fundação Carlos Chagas sobre os currículos oficiais e do contato com informações relativas a experiências em outros países. Foram analisados subsídios oriundos do Plano Decenal de

Educação, de pesquisas nacionais e internacionais, dados estatísticos sobre desempenhos de alunos do ensino fundamental, bem como, experiências em sala de aula difundidas em encontros, seminários e publicações. Formulou-se, então, uma proposta inicial que, apresenta uma versão preliminar, passou por um processo de discussão em âmbito nacional, em 1995 e 1996, do qual participaram docentes de universidades públicas e particulares, técnicos de secretarias estaduais e municipais de educação, de instituições representativas de diferentes áreas de conhecimento, especialistas e educadores. Desses interlocutores foram recebidos aproximadamente setecentos pareceres sobre a proposta inicial, que serviram de referência para a sua reelaboração (BRASIL, 1997, p. 15).

Nessa perspectiva, o ensino da leitura e da produção de textos passou, necessariamente, a envolver o ensino de estratégias de construção do texto, dando ao mesmo um conceito com novas dimensões, tornando, com isso, o ensino de língua materna como um ensino centrado no agir e interagir dos sujeitos, não restrito simplesmente a um conjunto de informações da língua. Embora a responsabilidade de um estudo mais sistemático dos textos pertença à disciplina de Língua Portuguesa, os PCN (1997) destacam que é responsabilidade também de todas as outras disciplinas ensinarem ao educando a usar os textos dos quais o mesmo tem contato diariamente.

Para a adequação dos Livros Didáticos de Português à proposta dos PCN, os autores dos LDLP juntamente com as editoras passaram a ter uma preocupação de favorecer ao aluno um contato com diversificados gêneros, dos quais o mesmo necessita em sua vida diária, em seu contexto social. Dessa maneira, diferentemente de anos atrás em que os livros eram compostos por textos literários, a partir de 1990 passaram a incorporar uma grande variedade de gêneros.

Atualmente, depois de diversas discussões e pesquisas no campo do ensino de Língua Portuguesa, o LDLP traz uma metodologia de ensino mais voltado para o texto, tendo como foco principal, para a realização deste, os Gêneros Textuais, embora muitas vezes não consiga realizar de maneira eficaz o que se propõe a fazer, uma vez que, na maioria das vezes, apresenta diversos gêneros que não são trabalhados com os alunos do modo que deveria ser, com isso, deixa muito a desejar no tocante ao ensino interativo dos discentes entre si e em seus contextos sociais.

#### **2.4 Breve descrição sobre o compêndio JORNADAS.Port – Língua Portuguesa**

Os livros que fazem parte da Coleção JORNADAS.port - Língua Portuguesa (2012) das autoras Dielta Delmanto e Laiz B. de Carvalho, do 6º ao 9º Ano, apresentam a seguinte estrutura: 8 (oito) unidades, sendo cada uma destas compostas por duas leituras (1 e 2), um tópico que trata da exploração do texto, realizado depois da leitura, e ainda, tópicos que tratam de produção oral e escrita, um tópico com reflexões sobre a língua, este tratando da gramática, entre outros.

Adotando a classificação proposta por Roxane Rojo em *Letramento e capacidades de leitura para a cidadania* (2009), a Coleção entende que o letramento é o estado em que o sujeito vive sabendo, não somente a ler e a escrever, mas também participa com competência de eventos em que o exercício da leitura e da escrita cumpre uma função fundamental, sendo o sujeito capaz de fazer uso dessas habilidades para fazer frente às demandas de seu contexto social, num constante e inacabado aprendizado e desenvolvimento ao longo da vida. No tocante ao desenvolvimento de aptidões e competências dos alunos, a coletânea também segue os preceitos indicados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais.

A coletânea que o livro do 8º ano do Ensino Fundamental do Ciclo II utilizado como *corpus* de análise pertence, desenvolve-se a partir da concepção de linguagem em que a língua não deve ser vista como um fenômeno distante do universo histórico-social do aluno. De acordo com essa concepção, o educando ao saber ler e escrever, não tem apenas a capacidade de reconhecer o alfabeto ou de adequar-se às regras da língua, mas sim sabe usar a linguagem com primazia para atingir os efeitos pretendidos em uma determinada situação comunicativa.

Para a formação de um sujeito crítico diante do contexto social em que está inserido, o livro elege como eixo norteador para o ensino de leitura e escrita os Gêneros Textuais, uma vez que, com os surgimentos de novas tecnologias, é necessário que os alunos possam conhecer o mais variado número de gêneros. Sendo necessário e primordial também não encarar os estudos da gramática com um fim em si mesmo, desvinculado do trabalho com leitura e produções de textos, uma vez que o texto e a gramática são elementos que se articulam entre si.

As autoras da Coleção buscam contemplar, nas atividades que tratam da língua, os diversos recursos e regularidades que são imprescindíveis na produção de um texto e que, em seu conjunto e articulação, formam a gramática da língua, realizando isso em atividades, seguindo ou não regras, direcionadas a língua, visando tanto o desenvolvimento da capacidade dos alunos de adquirirem habilidades novas e o



domínio de um número mais variado possível de recursos da Língua. No referente à produção de texto, o livro busca não ensinar técnicas, mas que o trabalho deve estar situado no processo de produção do mesmo, possibilitando, com isso, o aluno planejar a produção de acordo com o contexto em que foi construído, expor o texto produzido a um leitor crítico e, por fim, a revisão e reescrita levando em consideração as alusões feitas pelo leitor crítico.

Na elaboração da Coleção, as autoras se preocupam também em criar circunstâncias para que o educando consiga pensar sobre a presença de diversas mídias digitais em sua vida. Apresentam várias indicações de sites que os alunos e professores podem acessar dentro e fora da sala de aula, induzem o educando a trabalhar em diversas habilidades de leitura envolvidas na recepção e produção dos gêneros que estão presentes na mídia digital e, por fim, propiciam atividades a partir do acesso aos meios de comunicação digitais.

De maneira sintetizada, identificamos que o perfil da Coleção, a partir de suas concepções teóricas, foi produzido considerando a necessidade de: organizar as unidades baseado em agrupamentos de Gêneros Textuais; selecionar textos próprios para o cumprimento de propósitos da obra, explorando os gêneros enquanto ampliação do grau de letramento dos alunos; focar o ensino não apenas no que deve saber, mas também em conteúdos relacionados aos procedimentos de produção; oferecer um trabalho com diversos gêneros orais, considerando as diferenças entre a modalidade oral e escrita; trabalhar, ano por ano de ensino, os gêneros em agrupamentos, evoluindo de acordo com a complexidade e habilidades dos alunos; desempenhar o trabalho de interpretação e compreensão de texto voltado para o desenvolvimento das competências comunicativas dos educandos; organizar o conteúdo referente à gramática de acordo com sua importância para a produção e compreensão dos textos e, por fim, ponderar, na construção das atividades, competências de leitura e produção de textos necessários no dia a dia de outras disciplinas.

Na proposta do livro didático escolhido para análise, pertencente à Coleção descrita anteriormente, fizemos um recorte da Unidade 3 que objetiva ao aluno a compreensão das características do gênero entrevista, sendo esta uma das ferramentas para o ensino da Língua Portuguesa, na perspectiva da leitura, análise linguística e produção textual.

### 3. ENTREVISTA – DA TÉCNICA AO GÊNERO

Entendemos a primordial importância do trabalho embasado nos Gêneros Textuais, principalmente quando esta prática docente aborda os gêneros mais presentes no contexto escolar e social dos educandos. Nesta seção e em seus subtópicos, debruçamo-nos sobre a entrevista a partir de duas visões: como evento funcional para obtenção de respostas numa investigação social e como Gênero Textual.

#### 3.1 A Entrevista

Com o propósito de se conseguir informações acerca de um assunto determinado, a entrevista é vista por Marconi e Lokatos (2010) como um encontro entre dois sujeitos, é um método utilizado para a obtenção de dados numa investigação social, visando ajudar na solução de algum problema em um determinado contexto social. Ela também é vista como uma conversação face a face em que de forma verbal proporciona informação ao entrevistador. Por sua importante função mediante a investigação social, a entrevista é tida como excepcional ferramenta de trabalho nos diversos âmbitos das ciências sociais e de outras esferas de atividades, como por exemplo, no jornalismo.

A entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa despreziosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores [...]. Nesse sentido, a entrevista, um termo bastante genérico, está sendo por nós entendida como uma conversa a dois com propósitos bem definidos. Num primeiro nível, essa técnica se caracteriza por uma comunicação verbal que reforça a importância da linguagem e do significado da fala. Já, num outro nível, serve como um meio de coleta de informações sobre um determinado tema científico (MINAYO, 2002, p. 57).

Marconi e Lokatos (2010) em seu trabalho citam, ainda, na descrição dos principais objetivos da entrevista, Selltiz (1965, p. 286-295), que apresenta os tipos principais destes:

- Averiguação dos “fatos”.
- Determinação das opiniões sobre os “fatos”.

- Determinação de sentimentos.
- Descoberta de planos de ação.
- Conduta atual ou do passado.
- Motivos conscientes para opiniões, sentimentos, sistemas ou condutas.

O tipo de linguagem usado nas entrevistas muda de acordo com o público a quem é dirigida e o propósito visado, como, por exemplo, nas entrevistas com especialistas ou pessoas pertencentes ao grupo de autoridades, a linguagem utilizada é mais formal, e nas entrevistas voltadas para as crianças e para jovens, a linguagem utilizada é informal para um melhor entendimento do público alvo.

Hoffnagel (2010) nos relata que a entrevista tem uma força poderosa na sociedade atual, e que desde pequenos enfrentamos indagações postas por educadores, psicólogos, pesquisadores da opinião pública, entre outros. Esta mesma autora em seu artigo *Entrevista: uma conversa controlada* (2002), publicado no livro *Gêneros Textuais e Ensino*, nos dá a caracterização de alguns subgêneros de entrevista, como, por exemplo, as entrevistas que são publicadas em revistas que diferem muito de acordo com seus fins, sendo elas de três tipos, no geral, como as entrevistas que trazem como entrevistado um especialista em algum assunto; as entrevistas com pessoas que fazem parte da autoridade, na maioria das vezes reconhecido pelo povo, e as entrevistas com pessoas públicas, famosas, políticas, etc. E, nas revistas, a apresentação, o espaço, a apresentação gráfica, dedicados a entrevista, mudam, de uma para outra.

Nesse aspecto, a entrevista existe em diferentes tipos, pode variar dependendo do propósito do entrevistador, pode seguir uma estrutura padronizada, em que o entrevistador a cumpre a partir de um roteiro preestabelecido, de acordo com um formulário, ou pode seguir uma estrutura não padronizada, com o entrevistador livre, em que na maioria das vezes as perguntas são abertas dentro de uma conversa informal.

Por ser vista como uma coleta de dados, ainda de acordo com Hoffnagel (2010), a entrevista pode ser utilizada por toda a população, uma vez que o entrevistado não precisa saber ler ou escrever; pode ser vista também como uma obtenção de dados, não necessariamente, em fontes documentais, e permite que os dados obtidos sejam submetidos ao trabalho estatístico. Contudo, pode apresentar algumas limitações, como o não fornecimento de algumas informações importantes e pode tomar grande espaço de tempo, sendo, com isso, difícil de ser atingida.

Após estas breves considerações, ao nosso ver, necessárias sobre a entrevista como uma técnica, como um evento funcional utilizado por jornalistas ou pesquisadores, ressaltamos que um dos objetivos do nosso trabalho é analisar o Gênero Textual presente no LDLP e utilizado em sala de aula como ferramenta para um ensino mais interativo entre os alunos e, conseqüentemente, mais eficaz. É sobre este segundo instrumento que abordamos no subtópico seguinte.

### 3.2 O Gênero Textual Entrevista

No ensino de Língua Portuguesa, podemos identificar o aparecimento cada vez mais frequente de um dos gêneros que trabalha tanto a oralidade quanto a escrita, o gênero entrevista. Este gênero consegue desenvolver de uma maneira eficaz a interatividade entre os sujeitos, uma vez que envolve, no mínimo, dois interlocutores, levando o aluno a aprender a abordar e a desempenhar uma função social para si próprio e para os outros indivíduos pertencentes ao seu contexto. Dolz e Schneuwly (2004), também nos dão uma visão ampla do gênero entrevista:

A entrevista é um gênero jornalístico de longa tradição, que diz respeito a um encontro entre um jornalista (entrevistador) e um especialista ou uma pessoa que tem interesse particular num dado domínio (entrevistado). Uma entrevista consiste, então, em fazer falar essa pessoa *expert* a respeito de diversos aspectos de um problema ou de uma questão, com o intuito de comunicar as informações fornecidas a terceiros, que representam, teoricamente pelo menos, a demanda de informações [...] (SCHNEUWLY E DOLZ, 2004, p. 73).

Mesmo sendo este um gênero que trabalha tanto a escrita quanto a oralidade, entendemos que a entrevista é um gênero que se realiza basicamente pela oralidade e o modelo principal deste é composto, no mínimo, por dois sujeitos, um com o papel de entrevistador e o outro com o papel de entrevistado. Ocorrem casos em que pode haver dois ou mais entrevistados, em que todos estes respondem as perguntas.

E ainda falando da característica principal da entrevista, que é a oralidade, temos nas palavras de Hoffnagel (2010, p. 197) alguns esclarecimentos:

[...] Nas várias listas de gêneros de entrevista, a maioria refere a interações orais (entrevista com médico, entrevista para conseguir um emprego, entrevista coletiva, etc.), e mesmo com respeito à entrevista jornalística, pensamos primeiro nas entrevistas ao vivo dos programas de televisão e rádio. Quando publicadas em jornais e revistas, na maioria das vezes, a entrevista foi feita oralmente e depois transcrita para publicação. [...]

Desse modo, o Gênero Textual Entrevista não se constitui de uma única forma, não é um evento que se realiza de um modo exclusivo, embora apresente praticamente, na maioria das vezes, as mesmas características em seus subgêneros. Como, por exemplo, a entrevista jornalística, médica, científica, de emprego, etc.

A entrevista vista como um evento comunicativo, e não a partir de formas linguísticas, pode ser considerada como uma enorme constelação de eventos que se realizam como subgêneros variados, tendo eles em comum a estrutura marcada com perguntas e respostas. Quanto a isso, Marcuschi (2000, p. 22) afirma que:

[...] há eventos que parecem entrevistas por sua estrutura geral de pergunta e resposta, mas distingue-se muito disso. É o caso da 'tomada de depoimento' na justiça ou do inquérito policial. Ou então 'exame oral' em que o professor pergunta e o aluno responde. Todos esses eventos distinguem-se em alguns pontos (em especial quanto aos objetivos e a natureza dos atos praticados) e assemelham-se em outros.

De fato, seguindo uma estrutura padronizada, a entrevista é constituída, no mínimo, por dois indivíduos, cada um assumindo um papel pré-determinado: o entrevistador abre e fecha a entrevista, fazendo pergunta, incitando a transmissão de informações, introduzindo também novos assuntos. O outro, o entrevistado, ao aceitar a situação é levado a responder às indagações e fornecer as informações solicitadas. Este gênero se caracteriza ainda por ser essencialmente oral e nas diversas classificações de subgêneros de entrevista, a grande maioria visa às interações por meio da oralidade, quando estes são transcritos, do oral para o escrito, vemos que a entrevista é mostrada na forma de um diálogo.

Mesmo que os subgêneros da entrevista, canonicamente, apresentem a mesma estrutura de perguntas e respostas, eles se diferenciam com relação aos fins pretendidos para sua efetivação. Mesmo que toda entrevista busque adquirir informações, o tipo de informação procurada e o uso feito destas podem servir a diversos fins.

A exploração em sala de aula do gênero entrevista como texto para o ensino, segundo Hoffnagel (2010, p. 208), possibilita examinar as várias maneiras de tratamento que mostrem as relações entre os sujeitos envolvidos, encontrar as possíveis relações que podem ser situadas a partir de trocas na interação verbal entre os atores sociais e, por fim, buscar quais são os possíveis sentidos repassados pela representação gráfica na exposição das entrevistas por meio de revistas.

#### 4. ANÁLISE DA UNIDADE 3 DO LIVRO DIDÁTICO

O *corpus* utilizado como objeto de análise deste trabalho foi o Livro Didático de Língua Portuguesa JORNADAS.port – Língua Portuguesa (2012), do 8º Ano do Ensino Fundamental Ciclo II, das autoras Dileta Delmanto e Laiz B. de Carvalho. Ele é constituído por oito unidades, dentre elas, fizemos o recorte da UNIDADE 3.

De início, na UNIDADE 3, intitulada *Uma palavrinha, por favor...*, visualizamos a presença da linguagem verbal e não-verbal. As autoras têm a grande preocupação de que o professor ouça o aluno, estimulando-o a pensar, já realizando isso na abertura da unidade, fazendo indagações sobre a imagem de jovens praticando um esporte que é o *skydiving*, apresentando quatro questões sobre a imagem, o jovem e o esporte praticado por eles. Detectamos também a informação indicando qual gênero será abordado na unidade, bem como os tópicos do conteúdo gramatical que deverão ser aprendidos pelo aluno, que são: *predicado verbo-nominal e o predicativo do objeto; os predicativos e a pontuação e o discurso direto e indireto*.

A UNIDADE 3 é dividida em duas partes e, para isso, apresenta duas leituras. Na LEITURA 1 ocorrem diversos questionamentos sobre o tema que será discorrido na leitura, que é o gênero entrevista sobre o filme *Avatar*, presente na mídia impressa, principalmente em revistas. A entrevista tem como entrevistador Luís Antônio Giron, da revista *Época* e como entrevistado o diretor do filme, James Cameron, sendo estruturada em torno de perguntas e respostas, sendo marcada também pela presença de ilustrações com imagens do filme mostradas de acordo com as respostas do diretor.

Na primeira seção *EXPLORAÇÃO DO TEXTO*, temos três subseções: uma *Nas linhas do texto*, em que temos a presença de perguntas sobre a entrevista abordada anteriormente na Leitura 1 e também uma imagem do diretor conversando com os atores do filme; outra *Nas entrelinhas do texto*, que ainda trata do tema, o filme *Avatar*, é sobre o meio ambiente em que os personagens vivem apresentando uma questão com a sinopse do filme. E pelo fato de o filme ser de ficção científica, esta subseção traz uma breve explicação sobre o gênero ficção científica, para que os alunos possam relacionar a partir de respostas dadas a uma pergunta, o filme como sendo um gênero de ficção científica.

Outra subseção intitulada *Além das linhas do texto* traz mais uma questão relacionando o tema do filme com a necessidade de preservação do meio ambiente junto

a uma foto de um protesto, em Brasília, do *Greenpeace*, organização que apoia a preservação da Amazônia. Em seguida, temos *Como o texto se organiza*, subseção que traz questionamentos voltados para a organização estrutural do gênero entrevista, tratando desde o título até a função de cada sujeito envolvido na realização do gênero. Nela temos um box que cita de forma direta o que realmente é a entrevista. Uma das questões desta subseção apresenta duas formas como a entrevista pode ser efetivada, dependendo dos objetivos a serem atingidos pelo entrevistador, mais um box que fala de alguns tipos de entrevistas classificadas de acordo com o número de indivíduos envolvidos.

Quanto aos *Recursos lingüísticos*, explorados, tratam do trabalho com os mecanismos da língua empregados no gênero entrevista, buscando fazer com que o aluno reconheça os efeitos de sentidos criados no texto, questões que relacionam a linguagem utilizada pelo diretor do filme *Avatar* e a linguagem usada pelo ator, Daniel Dalcin, em uma entrevista a uma revista destinada aos adolescentes, explorando ainda, com isso, os traços da oralidade.

A seção que segue na unidade, denominada *DEPOIS DA LEITURA*, apresenta uma subseção que mostra outros formatos do gênero entrevista, para serem trabalhados pelos alunos, bem como os diferentes tipos de entrevista que podem ser produzidos, como a entrevista “ping-pong” com o blogueiro Douglas Lima, visando uma comparação entre os gêneros que as autoras veem como “intimamente relacionados”. A unidade segue trazendo para o aluno um exemplo de entrevista com um especialista, esta sobre a gravidez na adolescência, realizada pelo doutor Dráuzio Varela a uma médica do Hospital das Clínicas de São Paulo. Com a seção *DO TEXTO PARA O COTIDIANO*, as autoras objetivam levar ao aluno o gênero entrevista, com um tema que trata da saúde dos jovens, buscando relacionar as informações do texto baseadas no cotidiano, na vivência social dos mesmos.

Depois da exploração do texto da LEITURA 1, considerado o texto principal da unidade, que foi a entrevista dada oralmente pelo diretor James Cameron, observamos outra seção intitulada *A PRODUÇÃO ORAL*. Esta seção apresenta mais um box, agora, com a indicação do livro *Anjos no Aquário* do escritor Júlio Emílio Braz, a história da obra também tem por tema a gravidez na adolescência. Nela, as autoras propõem aos alunos, em grupo, que discutam oralmente e analisem uma entrevista no momento da interação entre o entrevistador e o entrevistado. Seguindo, os alunos fazem a escolha de um programa de rádio ou de TV que realizam entrevistas e assistem em



grupo, depois fazem um relatório com as informações observadas por todos. Em outro momento, todos os grupos se reúnem, em sala, para falar aos demais sobre as conclusões que chegaram, e a classe toda seleciona os pontos mais importantes vistos nas entrevistas analisadas. Para finalizar, o professor avalia os alunos de acordo com a participação e o empenho dos mesmos na análise das entrevistas, bem como se todos souberam argumentar e expor suas conclusões uns aos outros. Com essas discussões entre os alunos e as conclusões que estes chegaram a respeito das entrevistas trabalhadas, as autoras finalizam as atividades que envolvem diretamente a entrevista com o diretor do filme *Avatar*.

Para um melhor desenvolvimento comunicativo do aluno, oferecendo-lhe ocasiões de reflexão sobre os componentes linguísticos, e tendo como principal preocupação a ampliação da capacidade destes de fazer o uso adequado dos recursos da língua, a Unidade se volta, agora, para os elementos referentes à gramática, apresentando a seção *REFLEXÃO SOBRE A LÍNGUA*. Em um primeiro momento, as autoras usam o gênero entrevista para uma revisão com os alunos do predicado nominal e verbal por meio de questões, para isso trazem um trecho de uma entrevista dada pela campeã olímpica Maurrem Maggi. Dele, as autoras retiram frases para serem analisadas no momento de responder as questões. E ainda encontramos outro box, cujo conteúdo relembra o aluno sobre o verbo de ligação, o predicativo do sujeito, o verbo significativo, o predicado nominal e o predicado verbal.

Para o ensino do predicado verbo-nominal temos questões desenvolvidas a partir de outro gênero, neste caso, a charge, e para o conhecimento do aluno sobre esse gênero temos um box intitulado *Só conhecendo o contexto*, em que as autoras falam sobre os assuntos que as charges podem apresentar, usando como exemplo a denominada *DUTY FREE*, uma operação realizada pela Polícia Federal, usada como texto para os alunos interpretarem e responderem a atividade sobre predicado verbo-nominal.

Seguindo nesta mesma subseção as autoras apresentam uma questão pertencente ao mesmo exercício, que contém o trecho do início de uma narrativa, esta retirada do livro *Os Restos Mortais* do escritor Fernando Sabino, para que os alunos analisem os elementos das orações relacionados a ele. Deparamo-nos ainda com outro box com a indicação de leitura do livro de onde foi retirado o fragmento narrativo. Na questão seguinte, o gênero usado para interpretação textual e gramatical é uma tirinha de Mort Walker. Um pequeno trecho de uma entrevista com a atriz Paola Oliveira é um

texto utilizado na última questão do exercício. E, finalizando esta subseção, as autoras apresentam mais atividades envolvendo outras tirinhas para interpretação e análise do predicado verbo - nominal.

Para trabalhar a posição do predicativo na oração, na subseção *Fique atento... à pontuação na oração com predicativo*, as autoras apresentam o trecho de outro gênero, desta vez, a reportagem, e juntamente com o texto está presente também uma imagem que retrata o assunto dele. Deste trecho é retirada uma oração para explicação da posição do predicativo dentro dela. Nas atividades presentes nesta subseção encontramos mais um gênero, a notícia, neste caso, a análise dos itens gramaticais é feita na primeira questão pelo título da notícia e, na segunda, a partir de um pequeno trecho da notícia. Nelas, as autoras, de forma plausível, contextualiza os exemplos para explicação e as questões com os gêneros trazidos na subseção.

O texto da LEITURA 2 também tem como gênero principal, semelhante à proposta na LEITURA 1, uma entrevista, no entanto, nesta, temos o gênero em outro formato, agora, como *chat*. Antes da realização da leitura da entrevista, as autoras propõem que o professor realize indagações aos alunos sobre o significado da palavra *chat*, bem como suas características principais. Este tipo de entrevista tem o mesmo objetivo que a da mídia impressa, porém esta está presente na mídia digital, e ambas buscam informar.

A entrevista em *chat*, trabalhada nesta leitura, traz um bate-papo com o escritor indígena Daniel Munduruku, em comemoração ao Dia Nacional da Leitura. Nela, temos um número variado de entrevistadores, pois todos que estão *online* no *chat* podem fazer perguntas ao entrevistado.

Na seção seguinte, EXPLORAÇÃO DO TEXTO, as autoras trazem perguntas sobre a entrevista, o entrevistado e os entrevistadores, bem como as características principais que estruturam uma entrevista em forma de *chat*. Nas primeiras questões referentes ao assunto do texto temos a ilustração de uma lenda que está presente em um dos livros do entrevistado, obra que as autoras indicam no box presente na seção, intitulado *Coisas de Índio*, que reúne referências sobre diversas nações indígenas do Brasil. Finalizando a seção, temos um quadro denominado *Para lembrar* mostrando um resumo com os elementos principais da entrevista por *chat*.

Na PRODUÇÃO ESCRITA, bem como na LEITURA 1, em que os alunos realizaram uma produção oral, aqui a unidade propõe aos alunos uma produção escrita. Agora, eles construirão uma entrevista fictícia com perguntas que fariam a uma pessoa

admirada pelos mesmos já dando as respostas que eles acham mais adequadas e corretas, para isto, eles passarão por fases de produção, desde a leitura de um exemplo, no caso, a *Autoentrevista* de Luis Fernando Veríssimo, o planejamento do texto, para o conhecimento mais profundo das estruturas da entrevista, até a avaliação e reescrita para a entrega final do trabalho ao professor. Esta produção fará parte de um projeto maior que será construído no final do ano, depois que todo o conteúdo do livro didático for estudado pelos alunos.

A próxima seção da LEITURA 2, denominada REFLEXÃO SOBRE A LÍNGUA trata do *Discurso direto e discurso indireto*. As questões desenvolvidas sobre este assunto trazem, nos enunciados, trechos da entrevista apresentada na primeira leitura da Unidade. Seguindo os preceitos de um ensino baseado nos Gêneros Textuais, a Unidade trabalha o discurso direto e indireto relacionando o conteúdo gramatical com o gênero entrevista. Em outras três questões, nesta seção, os textos utilizados para interpretação e, conseqüentemente resolução das perguntas, temos fragmentos de duas crônicas. Ainda na seção temos uma questão sobre outro gênero, agora, uma piada e mais um quadro intitulado *Para lembrar* com o resumo do conteúdo da seção.

Próximo ao fechamento da seção, bem como da Unidade 3, as autoras apresentam atividades que envolvem textos. A primeira questão desta atividade traz um trecho de uma matéria jornalística sobre abelhas, nela, além da interpretação faz-se questionamentos a gramática presente no mesmo. Outras duas questões estão voltadas para o gênero entrevista, neste caso, com George Lucas, diretor do filme *Guerra nas Estrelas*, todas relacionadas com o estudo do discurso direto e indireto, elementos gramaticais e interpretação textual.

No final da Unidade, temos duas questões de múltipla escolha pertencentes a última seção intitulada ATIVANDO HABILIDADES. A primeira com a apresentação e opiniões de uma pessoa, no caso a candidata mais velha do Brasil, descritos por uma entrevistadora. A segunda questão é de interpretação sobre um artigo em uma revista. E, por fim, um quadro intitulado *Avalie seu aprendizado*, para que o aluno consiga responder a questionamentos sobre o conteúdo aprendido por ele na Unidade.

Destacamos, por fim, que a Unidade 3 utilizada na análise deste trabalho traz características primordiais do gênero entrevista, entre elas, temos a marca principal que é a oralidade, sua função de ferramenta de interação entre, no mínimo, dois sujeitos, e dependendo de seu objetivo, sua capacidade de ser informativa ou diálogo, bem como sua definição. Nela, as autoras nos dizem que a entrevista é um Gênero Textual que tem

por principal finalidade obter informações de um entrevistado, este gênero pode ser encontrado em jornais, programas de televisão e de rádio, internet, revistas e até em livros.

As autoras do LD declaram ainda que entrevista é um gênero essencialmente oral, mas quando transcrita, as marcas da oralidade podem ser eliminadas, sendo ela constituída de três partes: o título que tem por objetivo despertar o interesse de quem vai lê-la e antecipar o assunto abordado nela; a apresentação que é o item onde se apresenta, ao leitor, o entrevistado com quem foi realizada a entrevista; e as perguntas e respostas, parte onde acontece propriamente a entrevista.

O objetivo do entrevistador pode ser definido, segundo as autoras pelos seguintes critérios: se a entrevista for informativa, esta com a finalidade de se conseguir dados, nela, o entrevistador segue um conjunto de questões determinadas antecipadamente; ou uma entrevista-diálogo, caracterizada por buscar o lado mais humano das pessoas e por ser uma conversa mais livre, com o estabelecimento de um diálogo entre o entrevistador e o entrevistado.

As autoras destacam que a entrevista ainda pode se apresentar em forma de *Chat*, cujo suporte é a internet, mas com o mesmo objetivo das outras, que é obter informações, e pode apresentar não apenas um entrevistador, ao contrário, seu número é ilimitado, dependendo da quantidade de participantes *online* no momento da interação.

Tomando o Gênero Textual como eixo norteador para o ensino de Língua Portuguesa, buscando também suprir alguns pontos negativos identificados na proposta da Unidade 3 analisada tendo como gênero principal a entrevista, elaboramos, para uma melhor compreensão deste, uma Sequência Didática, proporcionando, assim, um entendimento a mais do gênero entrevista presente na Unidade 3. Sugerimos além de interpretação do gênero, sua função, características e estrutura, questões que abrangem os recursos gramaticais predicado verbo – nominal e predicativo do objeto, os predicativos e a pontuação, discurso direto e indireto, propostos pelas autoras.

Realizada a análise da Unidade 3, identificamos pontos fortes e fracos relacionados aos conteúdos abordados por ela. Como pontos fortes, observamos que as autoras construíram as atividades de acordo com teóricos da didática da língua, bem como os PCN que defendem o ensino da Língua Portuguesa de modo interativo, a partir dos Gêneros Textuais. Para isto, as autoras de forma sucinta trouxeram, na Unidade 3, um gênero principal a entrevista, em que a partir dele diversas atividades foram propostas de modo a promover ao aluno um bom entendimento sobre a entrevista e suas

principais características e funções na sociedade. Outro ponto positivo que destacamos, ainda, foi o fato de elas terem relacionado também ao gênero os recursos gramaticais que a Unidade se propôs a ensinar.

Entretanto, identificamos também alguns pontos fracos, tais como: na proposta apresentada pela Unidade há a presença de muitas atividades e todos os espaços das páginas dela são ocupados por imagens, boxes com indicações de livros, com quadros relembrando os conteúdos já vistos pelo aluno na própria Unidade; outro ponto negativo está presente em algumas atividades, nelas, as autoras apresentam questões que trazem outros gêneros sem que suas características sejam desenvolvidas convenientemente, para simples interpretação e resolução das mesmas, principalmente, algumas que tratam da gramática.

## 5. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO DIDÁTICA

Os gêneros exercem a função de instrumentos ou megainstrumentos nas palavras de Schneuwly (1994) através dos quais os sujeitos interagem comunicativamente, de forma adequada, em atividades formais e informais da vida por meio da língua.

Daí a relevância da escola ensinar os Gêneros Textuais, para que o aluno conheça suas características, função e estrutura, bem como suas etapas de produção. É significativo que essa abordagem seja trabalhada em sala de aula, e para isso, consideramos importante um ensino que siga os passos da Sequência Didática, modelo proposto por Dolz; Noverraz e Schneuwly (2004), pois esta possibilita um ensinoaprendizagem mais amplo dos Gêneros Textuais.

De acordo com DOLZ E SCHNEUWLY (2004, p.51) a sequência didática é uma seqüência de módulos de ensino, organizados conjuntamente para melhorar uma determinada prática de linguagem. Elas instauram uma primeira relação entre um *projeto de apropriação* de uma prática de linguagem e os *instrumentos* que facilitam essa apropriação

Sendo assim, optamos como intervenção pedagógica uma Sequência Didática elaborada para o 8º Ano do Ensino Fundamental, e escolhemos como gênero a entrevista. Nela, os alunos conhecerão esse gênero, suas características, função e estrutura, bem como, a partir de atividades didáticas comprovadas com trechos da entrevista, os educandos aprenderão sobre o conteúdo gramatical exigido para o ano de ensino: predicado verbo – nominal e predicativo do sujeito, os predicativos e a pontuação, o discurso direto e indireto.

### 5.1 Sequência Didática

**Área:** Linguagens e Códigos

**Disciplina:** Língua Portuguesa

**Ano:** 8º Ano do Ensino Fundamental II

**Eixos:**

**Linguagem:** Gêneros Textuais, leitura, compreensão e produção.

**Conhecimentos Linguísticos:** predicado verbo – nominal e predicativo do objeto; os predicativos e a pontuação; discurso direto e indireto.

**Tema:** Gênero textual entrevista

**Objetivo geral:**

Familiarizar os alunos com o gênero entrevista, realizando uma sequência de atividades focada no mesmo e desenvolvida a partir dele, envolvendo também elementos gramaticais.

**Objetivos específicos:**

- Conhecer o gênero entrevista.
- Reconhecer as principais características, função e estrutura composicional de uma entrevista.
- Compreender os formatos que a entrevista pode se apresentar.
- Revisar o predicado verbal e nominal.
- Entender o predicado verbo – nominal.
- Identificar a pontuação na oração com predicativo.
- Empregar corretamente os predicativos.
- Conhecer o discurso direto e o indireto.
- Produzir uma entrevista oralmente.
- Elaborar a retextualização de um texto oral para um texto escrito formal.
- Produzir uma entrevista escrita.

**Recursos:**

- Quadro branco;
- Pincel;
- Caneta e lápis;
- Folhas A4;

- Cópias das entrevistas que serão trabalhadas;
- Gramática da Língua Portuguesa;
- Livro didático adotado.

**Tempo de duração:** 14 aulas de 50 minutos.

### Metodologia:

O mencionado trabalho ocorrerá baseado nos seguintes módulos.

### Módulo 1 – Conhecendo o gênero entrevista (2 aulas)

Figura 1- Entrevista para interpretação

## “O futuro do cinema é uma fusão entre tecnologia e talento”

O diretor conta como realizou seu novo filme, a ficção científica em 3-D *Avatar*, para revolucionar tecnologicamente o cinema e salvá-lo da pirataria

James Cameron reapareceu, depois de 12 anos escondido, para realizar o que diz ser um sonho de menino: penetrar nos segredos da fauna e da flora de um planeta distante com uma arma de última geração. No caso, uma **câmera 3-D estereoscópica** capaz de associar imagens geradas por computação gráfica e traduzir atuações em imagens digitais de ultradefinição. O resultado é *Avatar*, o longa-metragem mais caro do cinema (custou meio bilhão de dólares) e um marco na inovação. [...] Um dia após a estreia mundial, em 11 de dezembro, no hotel Claridge's [em Londres], Cameron concedeu uma entrevista coletiva e, depois, falou a *Época*.

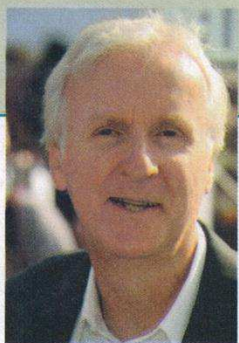
[...] Cameron se comportou com simpatia. Conversou sem máscara,

**Câmera estereoscópica:** câmera capaz de produzir imagens em 3-D.  
**3-D:** imagens de duas dimensões (comprimento e altura) que proporcionam a ilusão de três dimensões (comprimento, altura e volume).

**Quem é**  
 Nasceu em Ontário, no Canadá, em 16 de agosto de 1954. Com 17 anos, mudou-se para os EUA. Casou-se cinco vezes. Tem quatro filhos.

**O que fez**  
 Começou como assistente do diretor de filmes B Roger Corman, em 1980.

**O que filmou**  
 Com *Titanic* (1997), obteve a maior bilheteria da história: US\$ 1,8 bilhão. Fracassou com *O abismo* (1989), sobre o fundo do mar.



James Cameron.

Fonte: Livro JORNADAS.port - Língua Portuguesa, 2012, p 88.

Figura 2- Entrevista para interpretação



fazendo perguntas e dialogando. Estava curioso pela reação do público brasileiro a *Avatar*. Eu lhe disse que o filme tinha tudo para agradar. Afinal, narra a história da destruição da mata e do genocídio de uma tribo indígena. De outro planeta – mas isso é só um detalhe na simbologia dessa aventura espacial. “O que mais quero é que os brasileiros se emocionem e entendam o recado”, disse o cineasta, sorrindo.

**Época – Seu filme é ambientado em uma selva extraterrestre. Muitas vezes lembra a selva brasileira. Vocês captaram imagens da floresta equatorial?**

**James Cameron** – Eu nunca fui ao Brasil, você acredita? E é uma das coisas que ainda quero fazer. A ideia inicial era levar a equipe para filmar na Amazônia. Mas aí pensamos que iria ser algo prejudicial à natureza; os caminhões, o equipamento pesado e uma equipe enorme iriam perturbar a paz da selva. Um filme com uma mensagem preservacionista praticando infrações a um ecossistema seria péssimo!

**Época – E como vocês criaram a ambientação?**

**Cameron** – Fomos ao Havaí, a equipe e o elenco, até porque eu queria que todos tivessem a experiência de adentrar uma selva. Seguimos por uma trilha e a reação dos atores foi incrível, porque eles começaram a interagir com o meio ambiente e a entender o impacto que uma selva densa tem sobre os sentidos. Algumas imagens foram captadas ali, outras na Nova Zelândia. Com a câmera estereoscópica tridimensional, os detalhes e a luz naturais resultaram mais nítidos e poéticos que filmagens habituais dentro da selva.

**Época – De onde o senhor tirou inspiração para imagens mágicas como das rochas flutuantes e dos pássaros gigantes coloridos? Vieram de algum pintor específico, de um cineasta, de uma obra de arte?**

**Cameron** – Na verdade, me inspirei diretamente na natureza, em plantas, insetos, rochas – em especial na flora e na fauna do fundo do mar. Eu cresci fazendo minhas expedições na mata que havia perto de minha casa no Canadá. Não era a selva amazônica, mas havia um ecossistema variado. Eu adorava coletar material, amostras de pedras, plantas, algas, insetos. Houve um momento de minha vida em que a exploração da natureza me absorveu completamente. Tudo isso se reflete em meus filmes. *Avatar* é mais um deles.

[...]



Cena do filme *Avatar*.

Fonte: Livro *JORNADAS.port* - Língua Portuguesa, 2012, p 89.



Figura 3- Entrevista para interpretação

**Época – Em Avatar, a sensação de entrar na selva do planeta Pandora é de uma descoberta de cores, de uma súbita iluminação dos sentidos. O que foi necessário para criar tamanho impacto?**

**Cameron** – Pedi à equipe que elaborasse um novo padrão de luminosidade, que reproduzisse ainda que parcialmente a riqueza da paleta de cores de uma selva. Os sapos anões, por exemplo, emitem uma luz azul tão intensa que parece irreal. Eles fazem isso para não ser atacados. E assim por diante. Eu me inspirei em feras e animais reais para recriá-los como alienígenas. A gente se inspirou em borboletas para dar as cores berrantes dos pássaros gigantes. Há correspondentes a cavalos, javalis e tigres alienígenas. A gente quis restaurar o espanto que sentimos dentro de uma selva de verdade. Como se trata de um filme de fantasia, era necessário soprar verossimilhança em um meio ambiente selvagem estranho.

**Época – Outro aspecto que diz respeito à selva é o enredo, que trata do genocídio indígena. O que o senhor pretendeu com isso?**

**Cameron** – Eu quis de certa forma mostrar que a ambição humana é capaz das maiores monstruosidades. A busca de um minério – no caso, o “unobtainium”, existente apenas no planeta Pandora, que resolveria a escassez de energia da Terra – provoca em *Avatar* uma guerra terrível dos humanos contra os *n’avi*, com mortes, destruição e fome. E é claro que as vítimas são os indígenas, que lutam com lanças e flechas contra canhões, helicópteros e mísseis. Esse tipo de conflito se passou nas guerras coloniais e acontece na selva amazônica neste momento.

[...]

**Época – Para isso, o senhor elaborou uma nova linguagem. É como se o cinema estivesse renascendo em novas possibilidades. Como o senhor se vê nesse processo?**

**Cameron** – Sempre insisto que a questão maior não é tecnológica, mas estética. Ou seja, desenvolvemos uma tecnologia revolucionária, o 3-D estereoscópico, que funde as técnicas de captação digital de ação e expressões faciais de atores. O problema é o seguinte: o que faremos com essa nova ferramenta? Podem sair tanto uma bobagem quanto filmes importantes. Esse é o desafio para os cineastas que essa nova forma de produzir filmes apresenta. [...]

[...]

**Época – Qual é o futuro do cinema?**

**Cameron** – Ele está ligado às conquistas tecnológicas e às artísticas. O futuro do cinema é uma fusão entre tecnologia – 2-D, 3-D e da geração digital de imagens – e talento. Será o que nós, cineastas, fizermos com essa arte. Não adianta um sujeito como eu, que apostou tanto nesse novo meio, ficar sozinho. Acredito que outros diretores vão entender que esse é o caminho de uma nova forma de arte.

Luís Antônio Giron. Revista *Época*. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI111777-15220,00-O+FUTURO+DO+CINEMA+E+UMA+FUSAO+ENTRE+TECNOLOGIA+E+TALENTO.html>>. Acesso em: 18 out. 2011.



O cenário do filme simula uma selva extraterrestre.

Fonte: Livro *JORNADAS.port* - Língua Portuguesa, 2012, p 90.

Converse com os alunos sobre o gênero entrevista a ser trabalhado, objetivando detectar os conhecimentos prévios dos mesmos sobre esse gênero. Em seguida, distribua para eles cópias de uma entrevista dada à revista *Época* pelo diretor, James Cameron do

filme, *Avatar*, para que os mesmos já tenham um contato inicial e uma primeira visão do gênero.

### **Módulo 2 – Dialogando com o gênero (2 aulas)**

Retomando o diálogo da aula anterior, promova mais uma discussão, com os alunos, a partir dos seguintes pontos:

- Os componentes estruturais da entrevista.
- O assunto abordado na mesma.
- A linguagem utilizada na entrevista.
- As marcas da oralidade na entrevista.
- Os sujeitos envolvidos na interação.
- O entrevistado e o entrevistador.
- Tipos de entrevista.

### **Módulo 3 – Analisando a entrevista (2 aulas)**

Ainda trabalhando a análise da entrevista, fomente a identificação e a função de alguns elementos gramaticais estudados, a partir da retirada de fragmentos da entrevista, tais como:

- Predicado verbal e nominal (revisão).
- Predicado verbo – nominal.
- Predicativo do sujeito e do objeto.

### **Módulo 4 – Compreendendo a pontuação na entrevista (2 aulas)**

Proponha uma atividade compreensiva da entrevista em foco, observando através de trechos da mesma a colocação da pontuação nas orações que têm predicativos.




## Módulo 5 – Outros formatos da entrevista (2 aulas)

Figura 4- Entrevista em *Chat*


◀ Bate-papo: Dia Nacional da Leitura – Daniel Munduruku [13/10/2009] ▶

**Moderador 12:05:25**  
Especial Dia Nacional da Leitura: *Chat* com Daniel Munduruku.  
Na semana em que se comemora o Dia Nacional da Leitura, 12 de outubro, o EducaRede e o Instituto Ecofuturo promovem entrevistas com especialista em linguagem e escritores de livros infantojuvenis.  
Daniel Munduruku é escritor indígena com mais de 30 livros publicados, voltados principalmente para o público infantojuvenil. É diretor-presidente do INBRAPI – Instituto Indígena Brasileiro para Propriedade Intelectual, Comendador da Ordem do Mérito Cultural da Presidência da República e Pesquisador do CNPq.




O escritor Daniel Munduruku.

**Moderador 14:54:08**  
Boa tarde a todos! Vamos iniciar o *chat* com o escritor Daniel Munduruku. Bem-vindo, Daniel.

 **Daniel Munduruku 14:59:01**  
Boa tarde a todos os amigos que estão nesta conversa.

**Moderador 15:01:22**  
Denise diz: Daniel, como foi que você iniciou sua carreira de escritor?

 **Daniel Munduruku 15:04:28**  
Antes de ser escritor fui educado para ser contador de histórias. Na cultura indígena, a fala é mais importante que a escrita e por isso treinamos a memória para podermos utilizá-la para passar os conhecimentos ancestrais. E foi contando histórias que iniciei minha vida de escritor, pois acabei por me envolver com a contação de histórias também na forma escrita.

Fonte: Livro JORNADAS.port- Língua Portuguesa, 2012, p 108.

Figura 5- Entrevista em *Chat*

**Daniel Munduruku 15:05:59**

Um dia, quando terminei de contar histórias, uma menina me perguntou onde ela poderia encontrar minhas histórias para ler. Não soube o que responder, pois não tinha o hábito da escrita. Este foi o *start* que precisava. Depois disso passei a escrever.

**Moderador 15:06:43**

Denise diz: Você gosta mais de passar histórias para os outros na forma oral ou na forma escrita?

**Moderador 15:07:41**

Liane diz: Quantos anos você tinha quando começou a escrever?



**Daniel Munduruku 15:08:07**

Denise, gosto dos dois jeitos. Aprendi que a escrita é uma importante ferramenta para alcançar as pessoas.

**Moderador 15:08:22**

Clarice diz: Levando em consideração que as crianças indígenas também devem valorizar mais a fala do que a escrita, qual é a resposta que elas deram em relação ao hábito da leitura?



**Daniel Munduruku 15:08:42**

Liane, eu tinha aproximadamente 32 anos.

**Moderador 15:09:53**

Marília diz: Seus livros são bilíngues?



**Daniel Munduruku 15:10:54**

Clarice (lindo nome), eu aprendi que há muitos tipos de leituras possíveis. A leitura de livros é uma modalidade possível aos alfabetizados. Os que não são desenvolvem outras leituras da realidade, do mundo. No mundo indígena aprende-se primeiro a ler a natureza. É o mais importante nesse primeiro momento. Depois aprendemos a ler as letras, mas isso já é mais difícil porque não é nosso hábito.



**Daniel Munduruku 15:12:17**

Marília, escrevo principalmente para crianças e jovens das cidades. O que eu escrevo, as crianças indígenas já sabem de algum modo. Quando comecei a escrever tinha a intenção de ensinar os não indígenas a conhecerem nosso mundo. Tenho apenas um livro bilíngue.


**Moderador 15:20:48**

Clarice diz: Qual é a sua análise, como homem das letras que é, em relação à pouca apropriação da população indígena ao hábito da leitura? Não estaria a população indígena mais distante de uma sociedade que hj pouco valoriza a oralidade?


Fonte: Livro *JORNADAS.port- Língua Portuguesa*, 2012, p 109.



Figura 6- Entrevista em *Chat*


 **Daniel Munduruku 15:32:43**  
Clarice, o amor ao livro é hábito que se incute. Os indígenas não possuem esse amor todo. São, principalmente, faladores. A oralidade tem que se atualizar também. Os contadores de histórias tradicionais sabem que precisam acrescentar novos elementos em suas histórias para que elas fiquem mais interessantes. Funciona assim hj em dia e isso dá a impressão que se deixou a oralidade de lado. Creio que essa atualização [uso da escrita, da câmera de vídeo, do computador, da dança, da música] é uma forma nova de os povos indígenas se manterem vivos.

**Moderador 15:33:32**  
Tatá diz: Li que vc viajou para outros países. Como foi contar essas histórias lá?


 **Daniel Munduruku 15:36:32**  
Tatá, ir para lugares distantes é uma experiência importante, porque mesmo estando no Brasil, posso me sentir num outro país por conta das diferenças que há. O que pude aprender disso foi que a angústia de viver está presente em todo ser humano. Todos buscam compreender as razões por se estar vivo. Por incrível que pareça, as histórias são boas para isso.

**Moderador 16:03:12**  
Chegou a hora de encerrar nosso bate-papo. Agradecemos a participação do escritor Daniel Munduruku e de todos que também participaram.

**Moderador 16:03:36**  
Alzenir diz: Daniel, em que endereço uma criança que leu um livro seu pode manter contato com você? Tenho alunos que demonstram interesse em se comunicar com os autores.

 **Daniel Munduruku 16:03:38**  
Obrigado, Clarice. Se quiser e puder, entre no meu *blog* e mande suas notícias, suas questões e assim continuamos esta conversa.

**Moderador 16:04:17**  
Denise diz: Acho que entendi Daniel. É difícil entender de fato outras culturas. Gostei de falar com você!! Obrigada pelas respostas.

 **Daniel Munduruku 16:05:55**  
Obrigado a todos e todas que participaram dessa conversa. Espero que tenha conseguido não CHATEar ninguém rrsrs. Abraços.

**Moderador 16:09:12**  
O contato com o Daniel pode ser via *blog*: <http://danielmunduruku.blogspot.com/>.

Portal EducaRede. Disponível em: <[http://www.educarede.org.br/educa/batepapo/log.cfm?id\\_chat=5104&id\\_comunidade=0&FL\\_TIPO=M](http://www.educarede.org.br/educa/batepapo/log.cfm?id_chat=5104&id_comunidade=0&FL_TIPO=M)>. Acesso em: 21 out. 2011.

Fonte: Livro *JORNADAS.port- Língua Portuguesa*, 2012, p 108, 109 e 110.

Neste momento, os educandos terão contato com outra forma que esse gênero pode apresentar-se: a entrevista em forma de *Chat*, para isso será entregue a eles, na sala

de aula, cópias da entrevista que foi realizada com o escritor Daniel Munduruku em comemoração ao Dia Nacional da Leitura, com atividades que contemplem:

- Pontos que diferenciam a entrevista publicada em mídia impressa da entrevista em mídia digital;
- Estrutura composicional das duas entrevistas;
- Tipos de discurso: direto e indireto, presentes na fala dos entrevistados;
- Emprego dos verbos de elocução.

### **Módulo 6 – Hora de produzir (2 aulas)**

Em dupla, tomando como referência as entrevistas trabalhadas anteriormente, os alunos produzirão, primeiramente, uma entrevista na modalidade oral, em seguida será transcrita e retextualizada para a modalidade escrita formal. Todas essas primeiras produções serão entregues ao professor, para que ele pontue o que precisa ser melhorado. Em cada entrevista produzida deve conter:

- Título e subtítulo;
- Estrutura composicional;
- Entrevistador e entrevistado;
- Apresentação do entrevistado;
- Perguntas e respostas.

### **Módulo 7 – Produção final (2 aulas)**

Os alunos recebem suas produções para a reescrita dos pontos destacados pelo professor, reescreverão a produção final e apresentarão para toda a turma. Depois, a entrega da versão final ao professor.

## **AValiação**

Como avaliar é um processo contínuo e sistemático ao mesmo tempo, esta será feita com base na participação e envolvimento dos alunos durante as aulas, bem como o

conhecimento construído por eles, a criatividade e a coerência na construção dos trabalhos orais e escritos, até a produção final da entrevista, considerando também as atividades realizadas individualmente.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho pedagógico com os Gêneros Textuais é um dos caminhos para que o ensinoaprendizagem seja efetuado de forma eficaz, pois uma abordagem metodológica, a partir deles, permite um leque de oportunidades para os educandos entenderem e refletirem sobre a forma como os gêneros se constituem e se realizam, uma vez que aprender sobre a organização e concretização deles possibilita um entendimento dos eventos comunicativos que acontecem no contexto social, já que uma compreensão das características de um determinado gênero facilita a realização, com sucesso, de atividades interativas no momento da comunicação. Com isso, (re) afirmamos a relevância de um ensino, a partir dos Gêneros Textuais, para a formação dos alunos como sujeitos agentes participativos em suas interações sociais. Nessa direção, consideramos que os nossos objetivos propostos para este trabalho foram realizados.

Percebemos, ainda, que, devido ao importante e necessário trabalho, em sala de aula com os gêneros, os Livros Didáticos de Língua Portuguesa buscam sempre se atualizarem a nova perspectiva de ensino, já adequando em suas propostas uma grande diversidade de gêneros. Identificamos isto através da análise, pois, por meio dela ficou bastante evidente que na produção da Unidade 3 e de toda a Coleção a presença de uma enorme variedade de gêneros, e nas atividades propostas, as autoras destacam diversos gêneros para serem trabalhados como eixos norteadores do ensino de Língua Portuguesa.

Por essas e outras razões, defendemos que a formação do docente nos cursos de graduação e de formação continuada se dê também a partir da compreensão e da produção dos gêneros. Que os professores busquem estudar sempre os PCN e outros documentos oficiais, bem como participem de eventos que contribuam, para que eles tenham uma maior competência no tocante ao trabalho com os gêneros.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé, 1937- **Língua, texto e ensino: outra escola possível.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BAGNO, Marcos. **Língua Materna, variações e ensino.** Gangué, Gilles; STUBLOS, Michael. (Org.). – São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

BAZERMAN, Charles. **Gênero, agência e escrita.** In: BAZERMAN, Charles; HOFFNAGEL, Judith Chambliss, DIONÍSIO, Angela Paiva (Org.). Tradução e adaptação: HOFFNAGEL, Judith Chambliss - 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BEZERRA, Maria Auxiliadora; Dionísio, Ângela Paiva (Org.). **O livro didático de Português: múltiplos olhares.** 3 ed. – Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

BIASI-RODRIGUES, Bernadete. A abordagem dos gêneros textuais no ensino de língua portuguesa. In: PONTES, Antônio Luciano; COSTA, Maria Aurora Rocha. (Org.). **Ensino de língua materna na perspectiva do discurso: uma contribuição para o professor.** Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2008, p. 33-50.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto/Secretaria de Educação do Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa, vol. 2.** Brasília, 1997.

BRASIL, Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARVALHO, Laiz Barbosa de; DELMANTO, Dileta. **JORNADAS.port – Língua Portuguesa, 8º ano.** São Paulo: Saraiva, 2012.

DOLZ, Joaquim. SCHNEUWLY, Bernard. Os gêneros escolares – das práticas de linguagem aos objetos de ensino. Tradução: Gláís Sales Cordeiro. In: Roxane Rojo e

Glaís Sales de Cordeiro (Org.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2004, p. 61-77.

FREITAG, Bárbara; COSTA, Wanderley Ferreira da; MOTTA, Valéria Rodrigues. **O livro didático em questão**. – 2. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

\_\_\_\_\_. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher. **Gêneros Textuais: reflexões e ensino**. - São Paulo: Parábola Editorial, 2011, p. 17-31.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). **Pesquisa social**. 21 ed., Petrópolis: Vozes, 2002.

OLIVEIRA, João Batista Araújo; GUIMARÃES, Sônia Dantas Pinto; BOMÉNY, Helena Maria Bousquet. **A política do livro didático**. São Paulo: Sammus; Campinas: Editora da UNESP, 1984.

SELLTIZ, C.; WRIGHTSMAN, L. S.; COOK, S. W. **Métodos de pesquisa das relações sociais**. São Paulo: Herder, 1965.

ROJO, Roxane. Letramento e capacidades de leitura e cidadania. In: \_\_\_\_\_. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2009.

WACHOWICZ, Teresa Cristina. **Análise linguística nos gêneros textuais**. São Paulo: Saraiva, 2012.

<http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/livro-didatico-historico/> acesso em 10/04/2016

# **ANEXOS**

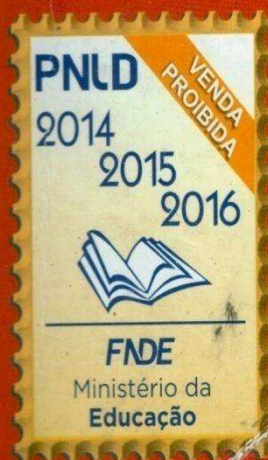




# JORNADAS.*port*

Língua Portuguesa

Dileta Delmanto  
Laiz B. de Carvalho



8º ano  
Ensino Fundamental

 Editora  
**Saraiva**



Jornadas.port – Língua Portuguesa – 8º ano (Ensino Fundamental)  
© Dileta Delmanto, Laiz B. de Carvalho, 2012

Direitos desta edição:  
Saraiva S.A. – Livreros Editores, São Paulo, 2012  
**Todos os direitos reservados**



**Foto de capa**

Cena do filme *Avatar*, de James Cameron. O enredo trata da luta entre a ganância humana e a tentativa de preservação dos recursos naturais.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Delmanto, Dileta  
Jornadas.port – Língua Portuguesa, 8º ano / Dileta Delmanto, Laiz B. de Carvalho. -- 2. ed. -- São Paulo : Saraiva, 2012.

Suplementado pelo manual do professor.  
Bibliografia  
ISBN 978-85-02-17080-3 (aluno)  
ISBN 978-85-02-17081-0 (professor)

I. Língua portuguesa (Ensino fundamental) I. Carvalho, Laiz B. de. II. Título.

12-04113

CDD-372.6

Índices para catálogo sistemático:

1. Língua portuguesa : Ensino fundamental 372.6

**Gerente editorial** M. Esther Nejm  
**Editor** Olivia Maria Neto  
**Editores assistentes** Maria Cecília Fernandes Vannucchi,  
Sílvia Cunha  
**Revisão técnica** Vania Regina Gomes  
**Coordenador de revisão** Camila Christi Gazzani  
**Revisores** Lucia Scoss Nicolai (enc.), Ana Maria Marson, Cesar G. Sacramento,  
Elza Martha Doring, Sueli Bossi  
**Assistente de produção editorial** Rachel Lopes Corradini  
**Coordenador de iconografia** Cristina Akisino  
**Pesquisa iconográfica** Mariana Valeiro, Denise Kremer  
**Licenciamento de textos** Érica Brambila, Marina Murphy  
**Gerente de artes** Ricardo Borges  
**Projeto gráfico e capa** Homem de Mello & Troia Design  
**Imagem de capa** Avatar/Direção: James Cameron/Fox Filmes do Brasil  
**Produtor de artes** Narjara Lara  
**Coordenador de artes** Vagner Castro dos Santos  
**Diagramação** RS2 Comunicações  
**Ilustrações** André Flauzino, Everton Prudêncio, Marcelo Leis,  
Mario Kanno, Mauro Takesi Kawasaki, Quanta Estúdio de Artes,  
Rogério Borges, Robson Moura.  
**Assistente de arte e infografia** Daniela Di Creddo Maximo  
**Tratamento de imagens** Bernard Rodrigues Fuzetti  
**Impressão e acabamento** Plural indústria gráfica

**Impresso no Brasil – 2013**

2 3 4 5 6 7 8 9 10

O material de publicidade e propaganda reproduzido nesta obra está sendo utilizado apenas para fins didáticos, não representando qualquer tipo de recomendação de produtos ou empresas por parte do(s) autor(es) e da editora.



**Editora  
Saraiva**

www.editorasaraiva.com.br

Rua Henrique Schaumann, 270 – Cerqueira César – São Paulo/SP – 05413-909  
Fone: (11) 3613 3000 – Fax: (11) 3611 3308  
Televendas: (11) 3616 3666 – Fax Vendas (11) 3611 3268

**Atendimento ao professor:** (11) 3613 3030 – Grande São Paulo  
0800 0117875 – Demais localidades  
atendprof.didatico@editorasaraiva.com.br



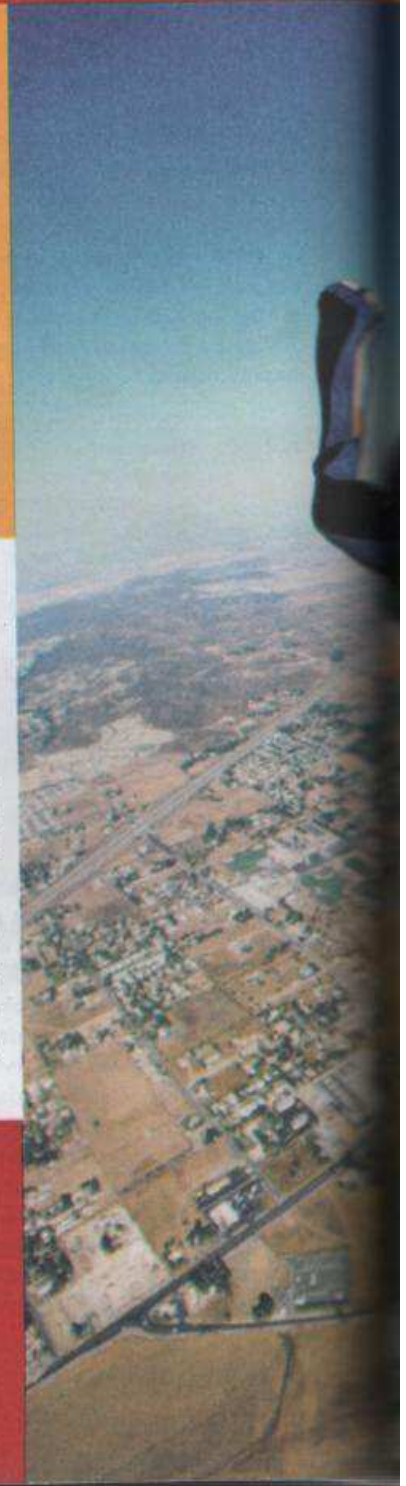
## 3

Uma palavrinha,  
por favor...**PROVOCANDO O OLHAR**

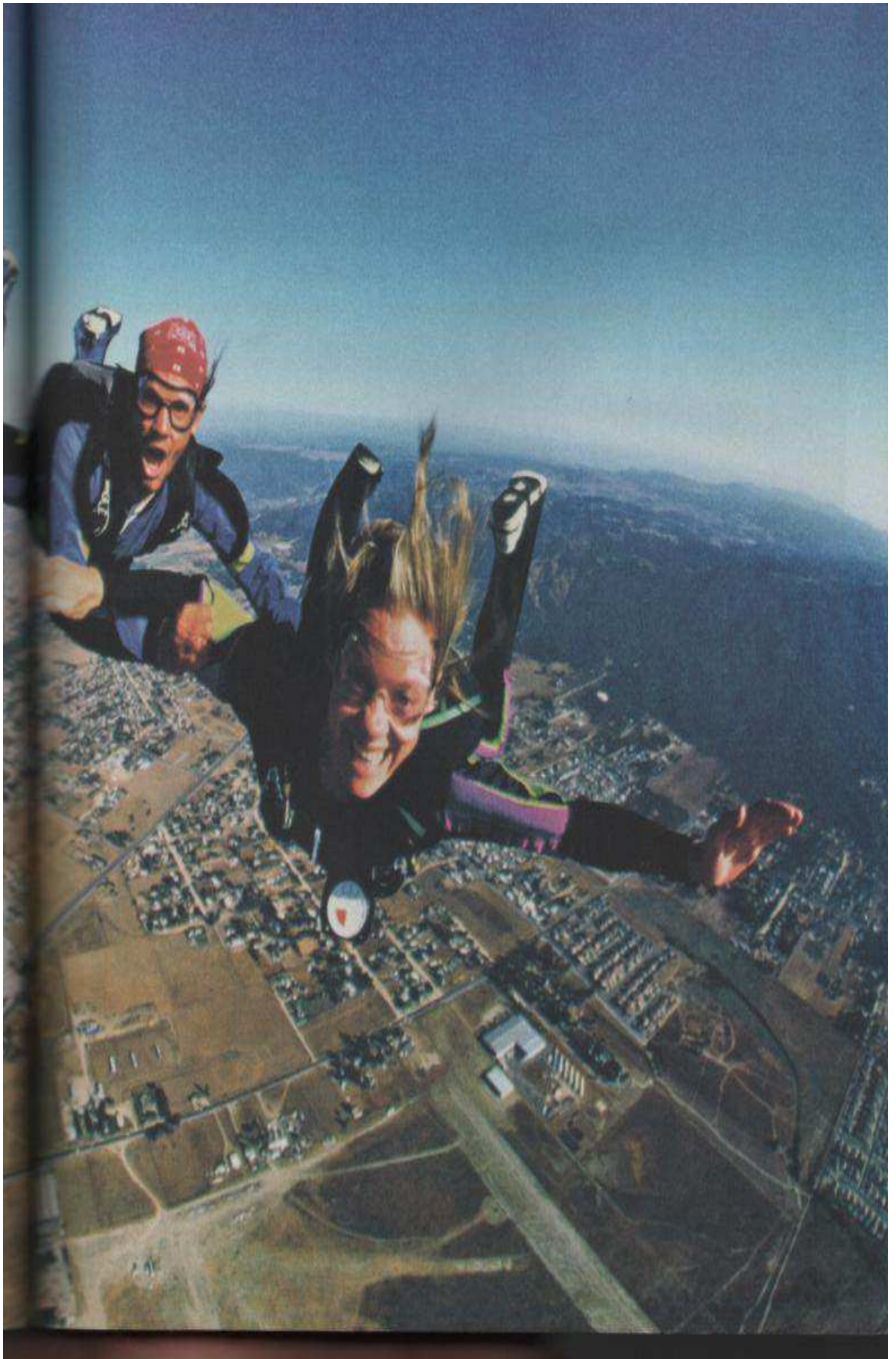
1. O que mais chama sua atenção na foto ao lado?
2. Observe a expressão dos jovens retratados. O que eles parecem estar sentindo?
3. Analisando o ângulo de tomada, isto é, a altura da câmera em relação ao objeto fotografado, você diria que a foto foi tirada de cima para baixo, de baixo para cima ou com a câmera na altura dos olhos? Quem poderia tê-la tirado?
4. Os jovens retratados praticam um esporte radical denominado *skydiving*, que consiste em saltar de um avião e cair pelo ar – “mergulhar” em voo livre –; o paraquedas só se abre depois. Se você conversasse com um desses jovens logo após o salto, o que lhe perguntaria?

**Você vai aprender nesta unidade**

- características do gênero entrevista
- predicado verbo-nominal e predicativo do objeto
- os predicativos e a pontuação
- discurso direto e indireto









# LEITURA 1

## antes de ler

1. Você já ouviu falar do filme *Avatar*? Ele conta a seguinte história:

Em 2154, os humanos pretendem explorar um minério precioso numa lua chamada Pandora. Isso, porém, destruirá a natureza do local e colocará em risco a sobrevivência de seus habitantes, os *n'avi*, considerados seres primitivos pelos humanos. Trava-se, então, uma guerra: terráqueos, gananciosos e destrutivos, contra *n'avi*, que vivem em harmonia com a natureza. Tudo permeado por uma história de amor.

2. O filme fez grande sucesso: faturou bilhões de dólares e ganhou diversos prêmios. Quais poderiam ser os assuntos de uma entrevista com o diretor desse filme?
3. Se você tivesse oportunidade, que perguntas faria a ele?

A todo momento deparamos com pessoas concedendo entrevista. O texto abaixo é uma entrevista concedida por James Cameron, diretor de *Avatar*, a uma revista brasileira. Leia-a para saber que tipo de informação ele dá.

## “O futuro do cinema é uma fusão entre tecnologia e talento”

O diretor conta como realizou seu novo filme, a ficção científica em 3-D *Avatar*, para revolucionar tecnologicamente o cinema e salvá-lo da pirataria

James Cameron reapareceu, depois de 12 anos escondido, para realizar o que diz ser um sonho de menino: penetrar nos segredos da fauna e da flora de um planeta distante com uma arma de última geração. No caso, uma **câmera 3-D estereoscópica** capaz de associar imagens geradas por computação gráfica e traduzir atuações em imagens digitais de ultradefinição. O resultado é *Avatar*, o longa-metragem mais caro do cinema (custou meio bilhão de dólares) e um marco na inovação. [...] Um dia após a estreia mundial, em 11 de dezembro, no hotel Claridge's [em Londres], Cameron concedeu uma entrevista coletiva e, depois, falou a *Época*.

[...] Cameron se comportou com simpatia. Conversou sem máscara,

### Quem é

Nasceu em Ontário, no Canadá, em 16 de agosto de 1954. Com 17 anos, mudou-se para os EUA. Casou-se cinco vezes. Tem quatro filhos.

### O que fez

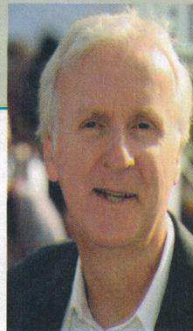
Começou como assistente do diretor de filmes B Roger Corman, em 1980.

### O que filmou

Com *Titanic* (1997), obteve a maior bilheteria da história: US\$ 1,8 bilhão. Fracassou com *O abismo* (1989), sobre o fundo do mar.

**Câmera estereoscópica:** câmera capaz de produzir imagens em 3-D.

**3-D:** imagens de duas dimensões (comprimento e altura) que proporcionam a ilusão de três dimensões (comprimento, altura e volume).



James Cameron.



fazendo perguntas e dialogando. Estava curioso pela reação do público brasileiro a *Avatar*. Eu lhe disse que o filme tinha tudo para agradar. Afinal, narra a história da destruição da mata e do genocídio de uma tribo indígena. De outro planeta – mas isso é só um detalhe na simbologia dessa aventura espacial. “O que mais quero é que os brasileiros se emocionem e entendam o recado”, disse o cineasta, sorrindo.

**Época – Seu filme é ambientado em uma selva extraterrestre. Muitas vezes lembra a selva brasileira. Vocês captaram imagens da floresta equatorial?**

**James Cameron** – Eu nunca fui ao Brasil, você acredita? E é uma das coisas que ainda quero fazer. A ideia inicial era levar a equipe para filmar na Amazônia. Mas aí pensamos que iria ser algo prejudicial à natureza; os caminhões, o equipamento pesado e uma equipe enorme iriam perturbar a paz da selva. Um filme com uma mensagem preservacionista praticando infrações a um ecossistema seria péssimo!

**Época – E como vocês criaram a ambientação?**

**Cameron** – Fomos ao Haváí, a equipe e o elenco, até porque eu queria que todos tivessem a experiência de adentrar uma selva. Seguimos por uma trilha e a reação dos atores foi incrível, porque eles começaram a interagir com o meio ambiente e a entender o impacto que uma selva densa tem sobre os sentidos. Algumas imagens foram captadas ali, outras na Nova Zelândia. Com a câmera estereoscópica tridimensional, os detalhes e a luz naturais resultaram mais nítidos e poéticos que filmagens habituais dentro da selva.

**Época – De onde o senhor tirou inspiração para imagens mágicas como das rochas flutuantes e dos pássaros gigantes coloridos? Vieram de algum pintor específico, de um cineasta, de uma obra de arte?**

**Cameron** – Na verdade, me inspirei diretamente na natureza, em plantas, insetos, rochas – em especial na flora e na fauna do fundo do mar. Eu cresci fazendo minhas expedições na mata que havia perto de minha casa no Canadá. Não era a selva amazônica, mas havia um ecossistema variado. Eu adorava coletar material, amostras de pedras, plantas, algas, insetos. Houve um momento de minha vida em que a exploração da natureza me absorveu completamente. Tudo isso se reflete em meus filmes. *Avatar* é mais um deles.

[...]



Cena do filme *Avatar*.



**Época – Em Avatar, a sensação de entrar na selva do planeta Pandora é de uma descoberta de cores, de uma súbita iluminação dos sentidos. O que foi necessário para criar tamanho impacto?**

**Cameron** – Pedi à equipe que elaborasse um novo padrão de luminosidade, que reproduzisse ainda que parcialmente a riqueza da paleta de cores de uma selva. Os sapos anões, por exemplo, emitem uma luz azul tão intensa que parece irreal. Eles fazem isso para não ser atacados. E assim por diante. Eu me inspirei em feras e animais reais para recriá-los como alienígenas. A gente se inspirou em borboletas para dar as cores berrantes dos pássaros gigantes. Há correspondentes a cavalos, javalis e tigres alienígenas. A gente quis restaurar o espanto que sentimos dentro de uma selva de verdade. Como se trata de um filme de fantasia, era necessário soprar verossimilhança em um meio ambiente selvagem estranho.

**Época – Outro aspecto que diz respeito à selva é o enredo, que trata do genocídio indígena. O que o senhor pretendeu com isso?**

**Cameron** – Eu quis de certa forma mostrar que a ambição humana é capaz das maiores monstruosidades. A busca de um minério – no caso, o “unobtainium”, existente apenas no planeta Pandora, que resolveria a escassez de energia da Terra – provoca em *Avatar* uma guerra terrível dos humanos contra os *n’avi*, com mortes, destruição e fome. E é claro que as vítimas são os indígenas, que lutam com lanças e flechas contra canhões, helicópteros e mísseis. Esse tipo de conflito se passou nas guerras coloniais e acontece na selva amazônica neste momento.

[...]

**Época – Para isso, o senhor elaborou uma nova linguagem. É como se o cinema estivesse renascendo em novas possibilidades. Como o senhor se vê nesse processo?**

**Cameron** – Sempre insisto que a questão maior não é tecnológica, mas estética. Ou seja, desenvolvemos uma tecnologia revolucionária, o 3-D estereoscópico, que funde as técnicas de captação digital de ação e expressões faciais de atores. O problema é o seguinte: o que faremos com essa nova ferramenta? Podem sair tanto uma bobagem quanto filmes importantes. Esse é o desafio para os cineastas que essa nova forma de produzir filmes apresenta. [...]

[...]

**Época – Qual é o futuro do cinema?**

**Cameron** – Ele está ligado às conquistas tecnológicas e às artísticas. O futuro do cinema é uma fusão entre tecnologia – 2-D, 3-D e da geração digital de imagens – e talento. Será o que nós, cineastas, fizermos com essa arte. Não adianta um sujeito como eu, que apostou tanto nesse novo meio, ficar sozinho. Acredito que outros diretores vão entender que esse é o caminho de uma nova forma de arte.



O cenário do filme simula uma selva extraterrestre.

Luis Antônio Giron. Revista Época. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI111777-15220,00-O+FUTURO+DO+CINEMA+E+UMA+FUSAO+ENTRE+TECNOLOGIA+E+TALENTO.html>>. Acesso em: 18 out. 2011.

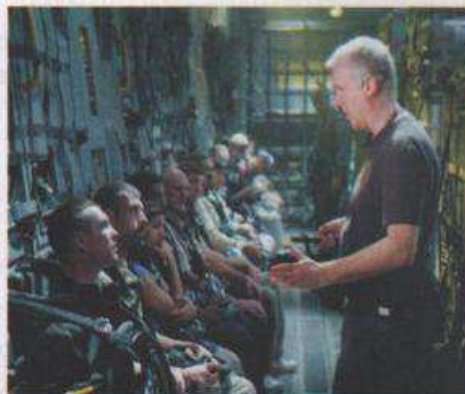


## EXPLORAÇÃO DO TEXTO

Antes de iniciar o estudo do texto, tente descobrir o sentido das palavras desconhecidas pelo contexto em que elas aparecem. Se for preciso, consulte o dicionário.

### Nas linhas do texto

1. Uma entrevista caracteriza-se por apresentar perguntas e respostas, envolvendo pelo menos duas pessoas – o entrevistador e o entrevistado.
  - a) No texto lido, quem é o entrevistado?
  - b) Quem é o entrevistador?
2. O diretor pretendeu captar imagens de um planeta distante utilizando uma arma de última geração. Que arma é essa? Que efeitos ela produziu?
3. Cameron afirma que as imagens mágicas de seu filme não foram inspiradas em nenhum artista ou obra de arte.
  - a) O que inspirou o diretor?
  - b) De que maneira as experiências da infância do diretor marcaram suas obras?
4. O entrevistador resume o enredo do filme. Segundo ele, de que trata o filme?
5. Para o diretor, qual o novo desafio que as recentes tecnologias apresentam aos cineastas?



O diretor James Cameron orienta atores de *Avatar*.

### Nas entrelinhas do texto

1. A realização de *Avatar* foi rápida ou demorada? Em que você se baseou para dar sua resposta?
2. A entrevista foi publicada em uma revista semanal de atualidades. Por que, possivelmente, a publicação se interessou por entrevistar Cameron?
3. Por que, segundo Cameron, seria "péssimo" filmar na Amazônia?
4. Leia esta sinopse de *Avatar*.

Jake Sully ficou paraplégico após um combate na Terra. Selecionado para participar do programa *Avatar*, ele viaja a Pandora, uma lua extraterrestre, lar dos *n'avi*, seres humanoides que vivem em paz com a natureza. Os humanos desejam explorar essa lua, extrair de lá minerais valiosos. Como são incapazes de respirar o ar de Pandora, criam seres híbridos chamados de avatares, controlados por seres humanos. No corpo de um avatar, Jake pode voltar a andar, percorrendo as florestas de Pandora e liderando soldados. Até conhecer Neytiri, uma *n'avi* que lhe serve de tutora e o faz admirar essa civilização alienígena.



As personagens Neytiri e Jake Sully.

Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/avatar/>>. Acesso em: 18 out. 2011. (Adaptado).



Agora leia o texto a seguir, que explica o que caracteriza uma obra de ficção científica.

### Ficção científica

Ficção científica é o gênero que se caracteriza pelo enredo baseado em conhecimentos científicos e apresenta indagações sobre como será o futuro. Seus temas mais comuns são o impacto da tecnologia na sociedade e na vida das pessoas, contatos com seres de outros planetas, robôs dotados de inteligência, transformações e reconstruções de seres humanos, viagens no tempo, possibilidade de extinção da vida na Terra.



Cena do filme de ficção científica *Eu, robô*, de 2004.

Responda: *Avatar* é um filme de ficção científica? Explique.

5. "O que mais quero é que os brasileiros se emocionem e entendam o recado", diz o cineasta.
  - a) Qual é o recado que o diretor de *Avatar* pretende mandar aos brasileiros?
  - b) Como o cineasta se posiciona em relação à realidade que pretende denunciar no filme?

### Além das linhas do texto

1. O Greenpeace é uma organização mundial que atua para proteger o meio ambiente. A organização tem lutado contra pequenos e grandes desmatadores da Amazônia. Nem sempre, porém, consegue obter o êxito desejado.
  - a) Reflita e responda: É possível explorar as riquezas naturais da floresta Amazônica sem destruí-la e sem desprezar os habitantes da região?
  - b) No futuro, o ser humano vai ter aprendido a respeitar as outras espécies animais, as espécies vegetais e toda a natureza? Como você gostaria que tudo acontecesse?



Greenpeace protesta em Brasília pelo fim das queimadas e do desmatamento na Amazônia (2008).



## Como o texto se organiza

1. A entrevista é um gênero textual que tem como objetivo colher informações de um entrevistado. É muito presente em jornais, revistas, livros, programas de rádio e de TV, internet. Em que suporte foi publicada a entrevista lida?
2. As entrevistas são compostas de três partes principais: título, apresentação e perguntas e respostas. O título da entrevista lida é "O futuro do cinema é uma fusão entre tecnologia e talento".
  - a) Por que ele está entre aspas?
  - b) Você considera esse título adequado ao conteúdo da entrevista? Explique.
  - c) Que outro título você daria à entrevista do cineasta?
  - d) Que tipo de informação o subtítulo fornece ao leitor?

O **título** da entrevista deve despertar o interesse do leitor e, ao mesmo tempo, adiantar a ele o assunto a ser tratado. Pode ser uma frase dita pelo próprio entrevistado, um resumo do sentido global do texto etc.

3. Volte ao texto e releia os dois parágrafos iniciais que antecedem o bloco de perguntas e respostas. Qual é a função deles?

A **apresentação** é a parte da entrevista em que o leitor fica conhecendo o entrevistado, o motivo de ter sido convidado a falar sobre algo e o assunto sobre o qual tratará.

4. Depois da apresentação, aparece a entrevista propriamente dita, em que se alternam trechos com destaque **em negrito** e trechos sem o destaque. Qual a função desse recurso gráfico na transcrição da entrevista?
5. Entrevistador e entrevistado desempenham papéis diferentes em uma entrevista. No caderno, indique quais papéis correspondem a cada um desses participantes.
  - a) Tem como objetivo conseguir informações.
  - b) Relata experiências, faz reflexões; manifesta opiniões.
  - c) Define o objetivo da entrevista e a conduz.
  - d) Responde ao que foi perguntado, informa dados, concorda com as afirmações feitas ou discorda delas.
  - e) Observa elementos não verbais, como postura, gestos, tom da voz, expressões fisionômicas.
6. O entrevistador precisa dominar o assunto antes de fazer a entrevista. Isso acontece na entrevista que lemos? Explique.

A entrevista propriamente dita é representada pela parte de **perguntas e respostas**.

### Para uma boa entrevista

1. A entrevista não é uma arte nem uma ciência. Não é uma arte no sentido de que o artista nasce com um dom. Não é uma ciência no sentido de que se baseia em experiências que podem ser repetidas – no jornalismo, coisas que funcionaram na semana passada podem não dar certo hoje.

2. A entrevista é uma destreza, uma habilidade. O bom entrevistador se treina.

[...]

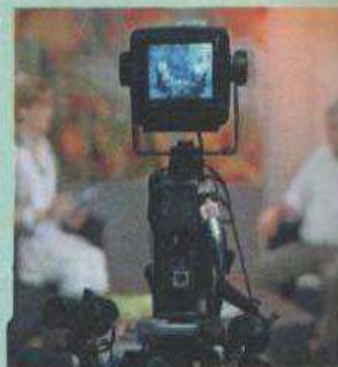
Curso Abril de jornalismo. 100 dicas para melhorar sua prática. Disponível em: <[http://cursoabril.abril.com.br/comunidade/materia\\_77964.shtml](http://cursoabril.abril.com.br/comunidade/materia_77964.shtml)>. Acesso em: 18 out. 2011.



7. É importante que o entrevistador observe as reações e emoções do entrevistado para relatá-las ao leitor. Em que momentos do texto o entrevistador revela a reação ou comportamento do entrevistado?
8. Dependendo do objetivo do entrevistador, a entrevista pode ser informativa ou uma entrevista-diálogo.

**Entrevista informativa** – Para obter dados, pedir esclarecimentos, completar informações, com participantes ou testemunhas dos acontecimentos. Nela o entrevistador segue um conjunto de questões previamente definidas para garantir que todos os tópicos de interesse sejam abordados. É conduzida pelo entrevistador, que procura não dar opiniões, ser imparcial.

**Entrevista-diálogo** – É mais uma conversa solta, na qual a preocupação maior é a pessoa entrevistada, sua vida, suas experiências, sua atividade. É a entrevista que busca o lado humano e cotidiano de pessoas que se destacaram em alguma área. Nesse tipo de entrevista se estabelece um verdadeiro diálogo entre os interlocutores.



Na televisão, são comuns as entrevistas-diálogo.

- a) De que tipo é a entrevista com Cameron? Justifique.
  - b) O entrevistador procura ouvir seu interlocutor ou prefere trocar ideias sobre o filme com ele?
  - c) Procure na fala do entrevistador uma pergunta que comprove sua resposta anterior.
  - d) Em alguns momentos, o entrevistador revela suas impressões sobre o filme. Copie no caderno dois trechos que exemplifiquem isso.
9. Do entrevistado se espera que, além de fornecer as informações pedidas, faça comentários, manifeste opiniões, relate experiências, faça reflexões. Copie no caderno trechos das falas do entrevistado em que ele expresse opinião ou avaliação.

#### Alguns tipos de entrevista

De acordo com o número e a função de seus integrantes, as entrevistas podem ser:

- individuais: uma pessoa entrevista e outra é entrevistado;
- coletivas: várias pessoas entrevistam a(s) mesma(s) pessoa(s);
- enquetes: várias pessoas são entrevistadas a respeito de uma questão apenas.

### Recursos linguísticos

1. Nas entrevistas, encontramos verbos em diferentes tempos.
  - a) Procure no texto da entrevista um trecho com verbo no presente e outro com verbo no passado.
  - b) Em alguns momentos de sua fala, o entrevistado expressa opinião, faz comentários. Que tempo ele usa, nesses casos: passado ou presente?
  - c) E quando narra fatos ocorridos, que tempo usa?
2. A entrevista é um gênero oral. Porém, quando é transcrita em jornais, revistas e sites, geralmente os traços de oralidade são eliminados.
  - a) Procure na entrevista com Cameron um trecho que exemplifique essa afirmação.
  - b) Conforme o público leitor do jornal, revista ou site em que a entrevista é publicada, conservam-se, nas entrevistas transcritas, gírias e outras marcas de oralidade. Leia o trecho de uma entrevista concedida pelo ator Daniel Dalcin a uma revista destinada a adolescentes.



Quando rolou o primeiro trabalho?

Quando eu estava com 21 anos fiz um teste para a novela *Vidas Opostas*, da Record, e passei. Eu interpretei o Alfredo, que era irmão da personagem da Lavinia Vlasack. Na sequência, fiz mais uma novela na emissora, *Amor e Intrigas*. Nesta, meu personagem era o Daniel.



Revista *Atrevida*. São Paulo: Escala, ed. 175, 2009.

Que marca de oralidade aparece nesse trecho?

- c) Como você explica o fato de, nessa entrevista, não terem sido eliminadas todas as marcas de oralidade?

A entrevista é um gênero essencialmente oral. Quando é transcrita, as **marcas de oralidade** podem ser eliminadas, caso se deseje uma linguagem mais formal; ou podem ser mantidas (pelo menos em parte), caso se busque uma linguagem mais informal.

### 3. Releia algumas das perguntas feitas ao cineasta.

"Vocês captaram imagens da floresta equatorial?"

"E como vocês criaram a ambientação?"

"De onde o senhor tirou inspiração para imagens mágicas como das rochas flutuantes e dos pássaros gigantes coloridos?"

"Outro aspecto que diz respeito à selva é o enredo, que trata do genocídio indígena. O que o senhor pretendeu com isso?"

- a) Que formas de tratamento o entrevistador usa para dirigir-se a Cameron?  
b) A quem o entrevistador se refere quando usa **vocês**?  
c) Ele se dirige ao diretor de *Avatar* de maneira formal ou informal?  
d) James Cameron se dirige ao entrevistador da mesma forma? Retire do texto um exemplo que comprove sua resposta.

A **linguagem do entrevistador** pode ser mais ou menos formal, de acordo com o grau de familiaridade entre ele e o entrevistado, a posição e a idade deste, o portador que publicará a entrevista e o leitor a que se destina.

4. Entre os sinais de pontuação empregados no texto, há um que é uma das marcas características do gênero entrevista. Qual é ele?

### Para lembrar

Entrevista

Intenção principal → colher informações, depoimentos ou opiniões de um entrevistado a respeito de determinado assunto ou de fatos em evidência em certo momento

Publicação → jornal, revista, site, rádio, TV

Organização { título

apresentação

perguntas e respostas

Linguagem → mais formal ou mais informal, de acordo com o perfil do entrevistado, com o veículo e o leitor a que se destina



## DEPOIS DA LEITURA

### Outros formatos

Existe um tipo de entrevista em que, em vez de perguntas, se apresentam temas ao entrevistado, e ele responde livremente. Em geral, contém respostas curtas, por isso é uma entrevista de leitura fácil.

Leia a brincadeira que um blogueiro faz com a chamada entrevista pingue-pongue.

#### Entrevista "pingue-pongue" com Douglas Lima

Penso que um dos lados terríveis de ser celebridade seja aquela hora de responder aquelas chatas entrevistas "pingue-pongue" de colunistas sociais idiotas. Eu queria ser famoso só pra avacalhar numa ocasião dessa. Façamos o seguinte: vamos fingir que eu sou uma celebridade, e um colunista social decide me entrevistar usando o tal do pingue-pongue. Vou compartilhar com vocês o modo infame como eu me comportaria diante de uma situação igualmente infame como essa.

**Nome:** Douglas Lima Barbosa Sousa.

**Idade:** 23.

**Signo:** Eu não sei o meu signo. Às vezes sigo o calendário chinês, outras vezes o Kryptoniano.

**Uma cor:** Ando tão apressado que vejo tudo branco.

[...]

**Comida preferida:** Aquela que está no prato dos outros. Roubar aquele pedacinho de frango dá uma adrenalina...

**Bebida preferida:** Fico dividido entre duas: água mineral com gás e coca-cola sem gás.

[...]

**Melhor amigo:** O controle remoto da TV.

**O que amo em alguém:** Depende de quem seja esse alguém. Que pergunta mais vaga!

**O que eu detesto em alguém:** Outra pergunta idiota.

**Situação difícil:** Esta entrevista.

**Frase que me define:** "Só uma vez me enganei na vida: quando pensei que estava enganado".



Blog do Douglas. Disponível em: <<http://blogdodouglas.blogspot.com/2009/02/entrevista-pingue-pongue-com-douglas-lima.html>>. Acesso em: 21 out. 2011.

1. Quanto ao número de interlocutores envolvidos, em que essa entrevista difere da de James Cameron?
2. Em geral, quem dá uma entrevista desse tipo procura, por meio de suas respostas, mostrar-se pelo melhor ângulo.
  - a) É isso o que faz o blogueiro?
  - b) Suas respostas surpreenderiam o leitor habitual de entrevistas pingue-pongue com celebridades? Por quê?
  - c) Que efeito essa brincadeira provoca: zombaria, crítica, ironia?
3. Imagine que você fosse o entrevistado. Que respostas bem-humoradas ou irônicas daria às questões abordadas? E que respostas sérias daria às mesmas questões?
4. Que outras perguntas faria como entrevistador? E o que responderia como entrevistado?



## DO TEXTO PARA O COTIDIANO

Entrevistas podem ser muito esclarecedoras quando o entrevistado é especialista em um assunto de interesse público e o entrevistador o leva a dar informações e a opinar sobre esse assunto. É o caso da entrevista a seguir, concedida a Drauzio Varella, médico e escritor, conhecido por popularizar a medicina. Leia-a.

Métodos contraceptivos são métodos para evitar a gravidez.

### Gravidez na adolescência

Dra. Adriana Lippi Weissman é médica obstetra do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo, especialista em gravidez na adolescência

[...] Gravidez na adolescência não é novidade na história de vida das mulheres. [...]

A sociedade se modernizou; as mulheres vislumbraram diferentes perspectivas de vida. No entanto, tais avanços não impediram que, apesar da divulgação da existência de métodos contraceptivos bastante seguros, a cada ano mais jovens engravidem numa idade em que outras ainda dormem abraçadas com o ursinho de pelúcia. [...]

**Drauzio** – Quais as principais causas desse comportamento em meninas tão jovens?

**Adriana Lippi Weissman** – Existe uma série de fatores que poderiam contribuir para o aumento da incidência de gestantes adolescentes. [...] a baixa escolaridade também pesa nesse contexto. Metade das adolescentes que atendemos no HC [Hospital das Clínicas de São Paulo] já tinha interrompido os estudos antes de engravidar. Isso nos permite pensar que, se tivessem continuado a estudar e a receber estímulos pedagógicos e culturais [...], talvez nem pensassem numa gestação, porque de uma forma ou outra, a escola representa um fator de proteção para elas.

**Drauzio** – Algumas meninas engravidam na idade em que as outras ainda brincam com bonecas. Qual é o impacto psicológico causado por essa gravidez precoce?

**Adriana Lippi Weissman** – No início, é um choque porque a adolescente está vivendo uma fase de transição em busca da própria identidade. [...] Não sabendo exatamente quem é, se adolescente ou mãe, adota uma postura infantilizada que atrapalha seu caminho para a profissionalização. Sabemos que posteriormente essas jovens podem voltar a estudar ou começar a trabalhar, mas em geral ocupam posições piores do que aquelas que não tiveram filhos nessa idade. Portanto, as sequelas não se limitam aos aspectos psicológicos. Refletem-se também no campo social.

**Drauzio** – Você acha que as adolescentes engravidam por falta de informação?

**Adriana Lippi Weissman** – Não acredito. [...] não é a desinformação que leva à gravidez na adolescência. Talvez o pensamento mágico dos adolescentes que influencia a maneira de buscar a si mesmos, o imediatismo e a onipotência que lhes são característicos sejam fatores que possam justificar o número maior de casos. Hoje, não há menina que não saiba que pode engravidar, mas todas imaginam que isso só acontece com as outras, jamais irá acontecer com elas.



Disponível em: <<http://drauziovarella.com.br/saude-da-mulher/gravidez-na-adolescencia-2/>>. Acesso em: 19 out. 2011.

1. Dissemos que esse é um exemplo de entrevista com um especialista. A entrevistada é especialista em quê?
2. Que consequências uma gravidez precoce pode trazer para as adolescentes?
3. Para a médica entrevistada, qual é a causa da gravidez na adolescência?
4. Você concorda com a médica? Explique por quê.



## Discussão e exposição oral: características da entrevista ao vivo

Você leu uma entrevista concedida oralmente pelo cineasta James Cameron e transcrita em uma revista. Agora vai analisar uma entrevista no momento em que se dá a interação entre o entrevistador e o entrevistado. Na sequência, vai conversar com os colegas sobre o que notou e expor oralmente as conclusões.

### Antes de começar

1. Forme um grupo com alguns colegas.
2. Cada participante do grupo recebe um papelzinho com um número (de 1 a 6, caso o grupo tenha seis componentes, por exemplo).
3. Discutam entre vocês estas duas questões.
  - a) Quais as principais causas da gravidez precoce?
  - b) Meninos e meninas reagem da mesma forma diante desse evento?
4. Anotem no caderno as conclusões do grupo.
5. Todos os alunos da classe que têm o mesmo número reúnem-se em novos grupos. Cada aluno relata, no novo grupo, as conclusões a que sua primeira equipe chegou.



### NÃO DEIXE DE LER

- **Anjos no aquário**, de Júlio Emilio Braz, editora Atual  
Aos 16 anos, Tina descobre que está grávida. O namoro acabou, os pais estão em crise no casamento e as amigas sumiram. A quem recorrer?



### Planejando a atividade

#### Escolha do programa de entrevistas

1. Ajude o professor a fazer uma relação de programas de entrevistas de rádio ou TV em que vários entrevistadores façam perguntas a um só entrevistado ou em que um entrevistador se dirija a vários entrevistados.
2. Forme um novo grupo e selecione com os colegas um desses programas para analisar.



3. Assistam ao programa que foi atribuído ao grupo (ou ouçam-no, caso seja transmitido por rádio).
4. Individualmente, e seguindo um roteiro elaborado pelo professor, anatem no caderno suas observações.
5. Reúna-se com seu grupo e elabore com os colegas um único relatório, coletando as observações de todos vocês, relativas a cada ponto do roteiro.

### Realizando a atividade

1. No dia marcado pelo professor, atribuam números aos componentes dos grupos e formem novas equipes (equipe do número 1, equipe do número 2, e assim por diante).
2. Cada membro do novo grupo relata aos demais as conclusões a que sua primeira equipe chegou.
3. Terminada essa etapa, um membro de cada equipe expõe para a turma os aspectos mais importantes do que foi discutido.
4. Após as exposições dos grupos, a classe seleciona os principais pontos observados na análise das entrevistas. O professor os anotarà na lousa.

### Avaliação

1. Com a supervisão do professor, avalie com os colegas os seguintes pontos.
  - Todos os componentes dos grupos se empenharam em analisar as entrevistas?
  - Todos os pontos do roteiro foram avaliados pelos grupos?
  - A análise das entrevistas acrescentou algo ao que havia sido estudado na unidade?
  - Nos vários momentos em que os componentes dos grupos trocaram ideias e expuseram suas observações, houve respeito por opiniões discordantes?
  - Todos souberam argumentar para defender suas opiniões, quando necessário?
  - Os alunos que expuseram as conclusões de seus grupos para a classe souberam falar com clareza, fazendo-se entender pelos colegas?



## REFLEXÃO SOBRE A LÍNGUA

### Predicado nominal e verbal (revisão)

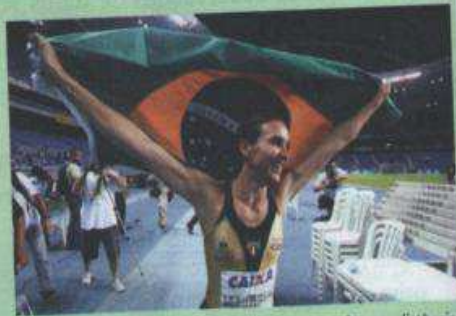
1. Leia o começo de uma entrevista concedida a um site pela atleta brasileira Maurren Maggi, medalhista de ouro nas Olimpíadas de Pequim, em 2008.

Como você começou no esporte? Há quanto tempo você é atleta?

Eu pratico esporte desde os 7 anos de idade, mas profissionalmente desde [...] 1994.

Você enfrentou algum obstáculo no início da carreira?

Muitos!!! O primeiro foi ficar longe da família, ficar em um alojamento e dividir tudo com todas as meninas. Nós morávamos em mais ou menos 15 mulheres em apenas um quarto, e os maiores obstáculos eram uma respeitar a limitação da outra. [...] No final de ano, nós tínhamos que fazer as malas para ir embora para casa porque o Ibirapuera (alojamento) fechava, e muitos atletas queriam ficar treinando. Hoje, graças a Deus, as coisas são superdiferentes. [...]



Maurren Maggi, que pratica salto em distância.

Disponível em: <<http://www.rgnutri.com.br/ip/dicas/emn.php>>. Acesso em: 20 out. 2011.

- a) Considerando que Maurren Maggi é uma atleta premiada, que representa o Brasil em competições internacionais, que tipo de leitor você imagina que se interesse por uma entrevista com ela? Por quê?
- b) Releia o começo da segunda resposta. O que os três pontos de exclamação revelam sobre a forma como a atleta falou?

#### 2. Releia.

"[...] as coisas são superdiferentes."

- a) Qual é o sujeito? E o predicado?
- b) O verbo **ser**, nessa oração, liga o sujeito ao termo que exprime uma característica atribuída a ele. Qual é o termo?
- c) O predicado é verbal ou nominal?

#### 3. Releia.

"Eu pratico esporte desde os 7 anos de idade [...]"

- a) Qual o sujeito dessa oração?
- b) Qual o predicado?
- c) O núcleo do predicado é um verbo ou um termo que atribui qualidade ao sujeito?
- d) Esse predicado é verbal ou nominal?

#### Relembre

- **Verbo de ligação:** liga o sujeito ao seu predicativo. Exemplos: **ser, estar, parecer** etc.
- **Predicativo do sujeito:** termo que atribui ao sujeito uma característica, uma qualidade ou um estado.
- **Verbo significativo:** indica uma ação atribuída ao sujeito ou expressa um processo. Exemplos: **dormir, emprestar, achar** etc.
- **Predicado nominal:** é formado por verbo de ligação + predicativo do sujeito.
- **Predicado verbal:** é construído em torno de um verbo significativo.



# Predicado verbo-nominal

## 1. Leia a charge.



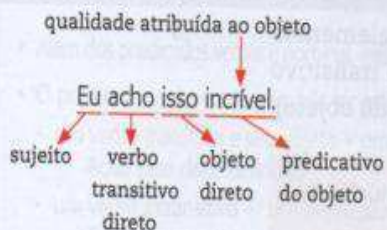
Alpino. Folha de Vitória, 27 ago. 2009. Disponível em: <<http://www.folhavitoria.com.br/site/?target=coluna&cid=36&historico=2009-08>>. Acesso em: 29 ago. 2010.

- Quem são as personagens da charge? O que fazem?
- A que a personagem se refere quando usa o pronome **isso**?
- A fala no último balão quebra a expectativa do leitor. Por quê?

## 2. Releia o primeiro balão ("Eu acho isso incrível...").

- Qual o sujeito e qual o predicado dessa oração?
- O verbo que aparece no predicado é um verbo que necessita de objeto direto para complementar seu sentido. Qual é esse objeto na oração?
- O adjetivo **incrível** refere-se ao sujeito ou ao objeto?
- Sem esse adjetivo, compreenderíamos o sentido da oração?

Observe.



**Predicativo do objeto** é o termo que atribui ao objeto uma característica, uma qualidade ou um estado.

### Só conhecendo

#### o contexto...

As charges têm por assunto acontecimentos atuais, que são notícia. Por isso, para entender o humor de uma charge, é preciso conhecer o fato que ela retrata. A charge de Alpino faz referência à curiosidade que a Polícia Federal brasileira desperta no público ao atribuir nomes curiosos a suas operações, como Duty Free, Satiagraha, Tênis, Matusalém, Sanguessuga, Vampiro etc.



3. Leia o início de uma narrativa.

A simples ideia da viagem deixou meu pai agitado, às voltas com uma série de providências: não ia ao Rio desde 1943. Estávamos em 1963: vinte anos, portanto. Nas vésperas do embarque, veio me procurar no consultório, preocupado:

– Vou ter mesmo de ir com sua mãe. Afinal de contas, é para o batizado do sobrinho dela.

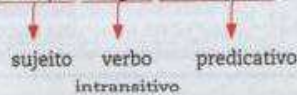
[...]

Fernando Sabino, *Os restos mortais*. São Paulo: Ática, 2008.

- Como se sentia o pai do narrador diante da possibilidade de viajar?
- No trecho “A simples ideia da viagem deixou meu pai agitado [...]”, qual é o sujeito e qual é o objeto direto?
- O adjetivo **agitado** refere-se ao sujeito ou ao objeto?

4. Releia e observe agora a construção destas outras orações.

Meu pai chegou preocupado.



A ideia de viajar deixou meu pai agitado.



- Na primeira frase, o predicativo atribui um estado ao sujeito ou ao objeto? E na segunda?
- Nessa frase, o verbo **chegar** é transitivo direto, transitivo indireto ou intransitivo? E o verbo **deixar**?
- Conclua: o predicativo do sujeito pode aparecer com que outro tipo de verbo, além dos verbos de ligação?

Em frases como as da atividade 4, o predicado tem dois elementos principais, ou seja, dois núcleos: um núcleo verbal (um verbo transitivo direto ou intransitivo) e um nominal (predicativo do sujeito ou do objeto).

Quando o predicado de uma oração tem um núcleo verbal e um núcleo nominal, dizemos que se trata de um predicado verbo-nominal.

Exemplos:

A cidade deixou o homem inquieto.

Antônio já nasceu grande.

NÃO DEIXE DE LER

- *Os restos mortais*, de Fernando Sabino, editora Ática  
Fernando Sabino consegue unir mistério, humor, emoção e lirismo nessa narrativa envolvente e com um desfecho surpreendente.





5. Leia a tira.



Mort Walker. Disponível em: <<http://blogdoxandro.blogspot.com/2011/01/tiras-n1295-recruta-zero-por-mort.html>>. Acesso em: 22 out. 2011.

- Na canção que o sargento Tainha canta para os recrutas, que palavras exprimem características dos sargentos?
- As palavras que você indicou exercem a função de predicativo do sujeito ou do objeto? Tainha expressa a respeito dos sargentos uma avaliação ou um sentimento?
- Os recrutas parecem concordar com o que diz a canção do sargento Tainha? Explique.

6. Leia um trecho de uma entrevista com uma atriz.

**Paola Oliveira:** Sou apaixonada por todos os animais. Sempre tive cachorro e descobri os gatos há menos tempo. Mas minha predileção pelos de rua é pela alegria de poder ajudar. São os mais necessitados, fora que são superinteligentes.



Disponível em: <<http://www.tudogato.com/2011/09/tg-entrevista-atriz-paola-oliveira.html>>. Acesso em: 22 out. 2011.

Nesse trecho, a entrevistada manifesta opinião sobre si mesma e sobre gatos, empregando predicativos.

- Identifique os termos que exprimem essas opiniões, tanto sobre ela mesma quanto sobre os gatos.
- Esses termos exercem a função de predicativo do sujeito ou do objeto?

### Para lembrar

- Além dos predicados verbal e nominal, existe também o predicado verbo-nominal, que tem dois núcleos: o verbo e o predicativo.
- O predicado verbo-nominal pode ter estas duas estruturas:
  - um verbo transitivo e seu objeto + um predicativo do objeto. Exemplo:  
Acho esse doce delicioso.
  - um verbo intransitivo + um predicativo do sujeito. Exemplo:  
O escritor morreu pobre.
- O **predicativo** exprime avaliações e apreciações sobre o **sujeito** ou sobre o **objeto** de uma oração.
- O **predicativo** do objeto geralmente é empregado com verbos como **considerar**, **nomear**, **eleger**, **classificar**. Exemplo:  
Lúcia foi chamada de **talentosa** por todos. A comissão classificou a escola como **inovadora**.



## ATIVIDADES



1. Leia esta tira.



Mort Walker. Disponível em: <<http://fotos.estadao.com.br/recruta-zero-60-anos-de-recruta-zero-tirinhas.galeria.2987.99379...0.htm?pPosicaoFoto=7#carousel>>. Acesso em: 20 out. 2011.

- O humor da tira é provocado por um final que surpreende o leitor. Explique-o.
- Releia a fala do cozinheiro no primeiro balão. Qual o sujeito dessa oração? Qual o predicado?
- O verbo nessa primeira oração é significativo ou de ligação? Ele precisa de complemento?
- Qual é a função do adjetivo **borradas** na oração? A oração teria sentido sem esse adjetivo?
- Como você deve ter percebido, temos dois núcleos nessa oração. Quais são eles e que tipo de predicado seu uso caracteriza?

2. Leia a tira abaixo.

**Mundo Tanso** por J. Anderson



J. Anderson. Disponível em: <[http://cartoonshow.uol.com.br/index.php?option=com\\_content&task=blogcategory&id=31&Itemid=42&limit=16&limitstart=16](http://cartoonshow.uol.com.br/index.php?option=com_content&task=blogcategory&id=31&Itemid=42&limit=16&limitstart=16)>. Acesso em: 21 out. 2011.

- Na tira, aparecem um **terapeuta** e seu cliente. O que você acha do conselho dado pelo terapeuta?
- Releia.
 

**Terapeuta:** profissional que fornece tratamento psicológico.

"Compre 100 lâmpadas de 5000 watts e deixe acesas durante a noite por um mês."

A que ou a quem se refere o predicativo **acesas**?
- Qual é a relação entre o que esse predicativo exprime e o aviso do terapeuta de que o rapaz terá medo da conta de luz?
- Deixar** é verbo transitivo direto, mas nesse contexto seu objeto direto não está explícito, aparecendo apenas o predicativo do objeto: **acesas**. Como ficaria a fala do segundo balão se o terapeuta não omitisse o objeto direto?



3. Leia este provérbio.

"O pessimista considera o Sol um fazedor de sombra."

- Você concorda com a opinião dos pessimistas sobre o Sol? Por quê?
- Reescreva o provérbio no caderno, expressando a opinião dos otimistas sobre o Sol.
- Em "O pessimista considera o Sol um fazedor de sombra", a palavra **Sol** é o objeto direto do verbo **considerar**. Qual é o sujeito da oração?
- A expressão **um fazedor de sombra** qualifica o sujeito ou o objeto?

4. Observe.

**Dom Quixote, a lei do mais forte**

Cem dos mais reputados escritores do mundo elegeram o romance *Dom Quixote*, do espanhol Miguel de Cervantes (1547-1616), a melhor obra de ficção de todos os tempos.

Disponível em: <<http://super.abril.com.br/cultura/dom-quixote-lei-mais-forte-443050.shtml>>. Acesso em: 16 nov. 2011.

- Qual é o sujeito do verbo **eleger**?
- Eleger** é verbo transitivo. Qual termo exerce o papel de objeto direto nessa oração?
- Essa oração contém um julgamento sobre o romance *Dom Quixote*, expresso pelo predicativo do objeto de **eleger**. Qual é o predicativo do objeto?

5. Quer aprender algo novo em um segundo? Leia a informação.

Os ossos da perna de um morcego são tão finos que eles não conseguem caminhar.

Disponível em: <<http://colunas.revistagalileu.globo.com/segundosdesabedoria/?cat=2178>>. Acesso em: 24 out. 2011.

- Qual é a qualidade atribuída aos ossos das pernas dos morcegos?
- Responda ao caderno. A função do predicativo do sujeito nesse texto é:
  - caracterizar os ossos da perna do morcego.
  - avaliar a consistência dos ossos da perna do morcego.
  - opinar sobre a textura dos ossos da perna do morcego.

divirta-se



Laerte. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/laerte/tiras/dia-a-dia/empregos/tira1.gif>>. Acesso em: 19 out. 2011.



## ¶ Fique atento... à pontuação na oração com predicativo

Você já viu que não se coloca vírgula entre o sujeito e o predicado nem entre o verbo e seus complementos (objeto direto ou indireto). Isso também vale para orações com predicado verbo-nominal: não há vírgula entre o sujeito e o predicativo do sujeito nem entre o objeto e o predicativo do objeto. Leia este trecho de uma reportagem sobre turismo e observe a posição do predicativo em relação ao sujeito na oração destacada.

Nada mais mineiro do que fazer as coisas sem pressa, aos poucos, quase em segredo. Assim, com quase nenhum alarde, Tiradentes [cidade turística em Minas Gerais] foi mudando. [...] A tal mudança se deu sob a superfície das coisas: as casinhas foram ocupadas por restaurantes, galerias de arte, lojas de bom artesanato, pousadas. Nas ruas, **casais e famílias passeiam despreocupados**, tirando fotos que têm as casas e as igrejas em primeiro plano e a Serra de São José ao fundo.

Disponível em: <[http://viajeaqui.abril.com.br/vt/materias/vt\\_materia\\_592800.shtml](http://viajeaqui.abril.com.br/vt/materias/vt_materia_592800.shtml)>. Acesso em: 16 set. 2011.



Casas de arquitetura colonial em Tiradentes, MG.

Observe que os termos destacados estão na ordem direta: **sujeito + verbo + predicativo do sujeito**.

[...] casais e famílias passeiam despreocupados [...]

↓                      ↓                      ↓  
sujeito                      verbo                      predicativo do sujeito

Como o predicativo aparece após o verbo, não há vírgula entre esses dois termos.

Caso o predicativo do sujeito estivesse anteposto ao verbo, haveria vírgula para isolá-lo. Veja.

Despreocupados, casais e famílias passeiam [...]

↓  
predicativo do sujeito



1. Leia o título de uma notícia esportiva.

## Confiante, Flamengo aguarda resposta de Luxemburgo nesta terça

Disponível em: <<http://www.correio24horas.com.br/esportes/detalhes/detalhes-1/artigo/presidente-do-flamengo-se-reune-com-vanderlei-luxemburgo/>>. Acesso em: 24 out. 2011.

- Qual é o sujeito de **aguarda**?
- Aguardar** é verbo transitivo direto. Qual é seu objeto, nessa oração?
- O predicativo **confiante** se refere a qual termo da oração: sujeito ou objeto?
- O predicativo aparece antes ou depois do termo a que se refere?
- Reescreva a manchete no caderno, colocando seus termos na ordem direta: sujeito + verbo + predicativo do sujeito.
- De que forma o predicativo tem mais destaque: na manchete original ou na versão que você redigiu?

- Não há vírgula entre o sujeito e o predicativo quando esses termos estão na ordem direta, ou seja, quando o predicativo vem depois do sujeito.
- Há vírgula entre o sujeito e o predicativo quando esses termos não estão na ordem direta, ou seja, quando o predicativo aparece antes do sujeito.

2. Leia o título e o início de uma notícia.

## Figueirense empata com Ceará e perde 100% em casa no Brasileirão

Florianópolis – O Figueirense esbarrou na forte marcação e disciplina tática do Ceará ao empatar em 1 a 1 na noite deste domingo, no fechamento da nona rodada do Campeonato Brasileiro. [...]

[...] Impaciente, a torcida pediu a entrada do ídolo Fernandes e foi atendida. [...]

Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/esportes,figueirense-empata-com-ceara-e-perde-100-em-casa-no-brasileirao,743161,0.htm>>. Acesso em: 17 nov. 2011.

- Em “Impaciente, a torcida pediu a entrada do ídolo Fernandes [...]”, qual é o sujeito? E o objeto direto de **pediu**?
- O predicativo **impaciente** se refere ao sujeito ou ao objeto?
- Explique por que há vírgula depois de **impaciente**.

# LEITURA 2

## antes de ler

1. A palavra inglesa *chat* significa “conversação”, “bate-papo”. É usada no Brasil para designar conversação em tempo real via internet. Você costuma participar de *chats* ou conhece alguém que participe?
2. Já acompanhou ou participou de alguma entrevista feita por *chat*?

Nesta unidade, na primeira leitura, vimos uma entrevista publicada em mídia impressa, uma revista, com o objetivo de informar. Atualmente, costuma-se fazer entrevistas também na mídia digital, por meio dos *chats*. Mas, se o objetivo é o mesmo, a forma é diferente. Vamos ler agora uma entrevista feita em um *chat* e verificar as diferenças entre esse tipo de entrevista e a que tem como suporte os meios impressos.

### ◀ Bate-papo: Dia Nacional da Leitura – Daniel Munduruku [13/10/2009] ▶

**Moderador 12:05:25**

Especial Dia Nacional da Leitura: *Chat* com Daniel Munduruku.

Na semana em que se comemora o Dia Nacional da Leitura, 12 de outubro, o EducaRede e o Instituto Ecofuturo promovem entrevistas com especialista em linguagem e escritores de livros infantojuvenis.

Daniel Munduruku é escritor indígena com mais de 30 livros publicados, voltados principalmente para o público infantojuvenil. É diretor-presidente do INBRAPI – Instituto Indígena Brasileiro para Propriedade Intelectual, Comendador da Ordem do Mérito Cultural da Presidência da República e Pesquisador do CNPq.



O escritor Daniel Munduruku.

**Moderador 14:54:08**

Boa tarde a todos! Vamos iniciar o *chat* com o escritor Daniel Munduruku. Bem-vindo, Daniel.



**Daniel Munduruku 14:59:01**

Boa tarde a todos os amigos que estão nesta conversa.

**Moderador 15:01:22**

Denise diz: Daniel, como foi que você iniciou sua carreira de escritor?



**Daniel Munduruku 15:04:28**

Antes de ser escritor fui educado para ser contador de histórias. Na cultura indígena, a fala é mais importante que a escrita e por isso treinamos a memória para podermos utilizá-la para passar os conhecimentos ancestrais. E foi contando histórias que iniciei minha vida de escritor, pois acabei por me envolver com a contação de histórias também na forma escrita.





**Daniel Munduruku 15:05:59**

Um dia, quando terminei de contar histórias, uma menina me perguntou onde ela poderia encontrar minhas histórias para ler. Não soube o que responder, pois não tinha o hábito da escrita. Este foi o *start* que precisava. Depois disso passei a escrever.

**Moderador 15:06:43**

Denise diz: Você gosta mais de passar histórias para os outros na forma oral ou na forma escrita?

**Moderador 15:07:41**

Liane diz: Quantos anos você tinha quando começou a escrever?



**Daniel Munduruku 15:08:07**

Denise, gosto dos dois jeitos. Aprendi que a escrita é uma importante ferramenta para alcançar as pessoas.

**Moderador 15:08:22**

Clarice diz: Levando em consideração que as crianças indígenas também devem valorizar mais a fala do que a escrita, qual é a resposta que elas deram em relação ao hábito da leitura?



**Daniel Munduruku 15:08:42**

Liane, eu tinha aproximadamente 32 anos.

**Moderador 15:09:53**

Marília diz: Seus livros são bilíngues?



**Daniel Munduruku 15:10:54**

Clarice (lindo nome), eu aprendi que há muitos tipos de leituras possíveis. A leitura de livros é uma modalidade possível aos alfabetizados. Os que não o são desenvolvem outras leituras da realidade, do mundo. No mundo indígena aprende-se primeiro a ler a natureza. É o mais importante nesse primeiro momento. Depois aprendemos a ler as letras, mas isso já é mais difícil porque não é nosso hábito.



**Daniel Munduruku 15:12:17**

Marília, escrevo principalmente para crianças e jovens das cidades. O que eu escrevo, as crianças indígenas já sabem de algum modo. Quando comecei a escrever tinha a intenção de ensinar os não indígenas a conhecerem nosso mundo. Tenho apenas um livro bilíngue.

**Moderador 15:20:48**

Clarice diz: Qual é a sua análise, como homem das letras que é, em relação à pouca apropriação da população indígena ao hábito da leitura? Não estaria a população indígena mais distante de uma sociedade que hj pouco valoriza a oralidade?



**Daniel Munduruku 15:32:43**

Clarice, o amor ao livro é hábito que se incute. Os indígenas não possuem esse amor todo. São, principalmente, faladores. A oralidade tem que se atualizar também. Os contadores de histórias tradicionais sabem que precisam acrescentar novos elementos em suas histórias para que elas fiquem mais interessantes. Funciona assim hj em dia e isso dá a impressão que se deixou a oralidade de lado. Creio que essa atualização (uso da escrita, da câmera de vídeo, do computador, da dança, da música) é uma forma nova de os povos indígenas se mantem vivos.

**Moderador 15:33:32**

Tatá diz: Li que vc viajou para outros países. Como foi contar essas histórias lá?



**Daniel Munduruku 15:36:32**

Tatá, ir para lugares distantes é uma experiência importante, porque mesmo estando no Brasil, posso me sentir num outro país por conta das diferenças que há. O que pude aprender disso foi que a angústia de viver está presente em todo ser humano. Todos buscam compreender as razões por se estar vivo. Por incrível que pareça, as histórias são boas para isso.

**Moderador 16:03:12**

Chegou a hora de encerrar nosso bate-papo. Agradecemos a participação do escritor Daniel Munduruku e de todos que também participaram.

**Moderador 16:03:36**

Alzenir diz: Daniel, em que endereço uma criança que leu um livro seu pode manter contato com você? Tenho alunos que demonstram interesse em se comunicar com os autores.



**Daniel Munduruku 16:03:38**

Obrigado, Clarice. Se quiser e puder, entre no meu *blog* e mande suas notícias, suas questões e assim continuamos esta conversa.

**Moderador 16:04:17**

Denise diz: Acho que entendi Daniel. É difícil entender de fato outras culturas. Gostei de falar com você!! Obrigada pelas respostas.



**Daniel Munduruku 16:05:55**

Obrigado a todos e todas que participaram dessa conversa. Espero que tenha conseguido não CHATEar ninguém rsrsr. Abraços.

**Moderador 16:09:12**

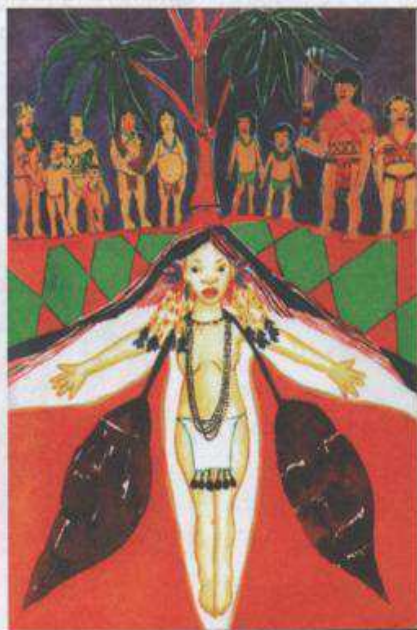
O contato com o Daniel pode ser via *blog*: <http://danielmunduruku.blogspot.com/>.

Portal EducaRede. Disponível em: <[http://www.educarede.org.br/educa/batepapo/log.cfm?id\\_chat=5104&id\\_comunidade=0&FL\\_TIPO=M](http://www.educarede.org.br/educa/batepapo/log.cfm?id_chat=5104&id_comunidade=0&FL_TIPO=M)>. Acesso em: 21 out. 2011.



## EXPLORAÇÃO DO TEXTO

1. Quem é o entrevistado e por que foi escolhido para participar desse chat?
2. O entrevistado fala sobre a leitura na cultura indígena.
  - a) O que ele diz?
  - b) Em outro momento, ele diz que os indígenas não têm “esse amor louco” pela leitura, pois são principalmente faladores. Como você entende essa afirmação?



Daniel Munduruku pertence aos mundurucus, povo indígena de tradição guerreira que hoje em dia vive nos estados do Pará, Amazonas e Mato Grosso. Ao lado, ilustração para lenda contada em um dos livros de Daniel.

3. Na primeira entrevista que lemos nesta unidade, era usado o **negrito** para diferenciar as perguntas do entrevistador das respostas do entrevistado. Na transcrição do chat, que recursos foram utilizados para identificar as falas do entrevistado? E dos entrevistadores?
4. Em um chat, alguns participantes apenas observam a conversa, e outros efetivamente interagem com o entrevistado.
  - a) Quantos participantes efetivos aparecem no trecho selecionado da entrevista com Daniel Munduruku?
  - b) É possível saber se havia participantes observadores e quantos eram?
5. Nem todas as perguntas dos participantes de um chat são apresentadas ao entrevistado. Há uma seleção prévia feita pelo moderador. Qual é a importância de selecionar as perguntas?
6. Para realizar uma entrevista que será publicada em jornal ou revista, o entrevistador deve preparar-se, estudar a vida, as obras, as opiniões do entrevistado, para poder fazer-lhe perguntas significativas.

Isso também acontece na entrevista em chat?



7. Observe agora a ordem das perguntas e respostas.

- É a mesma da entrevista com James Cameron, em que a uma pergunta do entrevistador sempre se seguia uma resposta do entrevistado? Copie no caderno um trecho que exemplifique sua resposta.
- Por que isso acontece?
- Como a pessoa que enviou a pergunta sabe qual resposta corresponde a sua pergunta? Copie no caderno um trecho que exemplifique o que você observou.

8. Leia, a seguir, algumas características da entrevista por chat. Copie no caderno apenas as que a diferenciam das entrevistas publicadas em jornal e revista.

- O chat permite que um número muito grande de pessoas participe da entrevista.
- Os chats abertos, como o que vimos, têm vários entrevistadores, entretanto um único entrevistado.
- O chat começa com uma apresentação breve do entrevistado e de sua participação na sociedade.
- Todos os que acessam o site podem mandar suas perguntas, ver e completar as perguntas dos outros participantes, e ler todas as respostas do entrevistado à medida que vão sendo dadas.
- A entrevista em chat é publicada em tempo real e pode-se saber o horário exato em que cada pergunta foi feita e cada resposta foi dada.
- Encerrada a entrevista, existe possibilidade de continuação da interação dos entrevistadores com o entrevistado.

#### NÃO DEIXE DE LER

- Coisas de Índio**, de Daniel Munduruku, editora Callis  
Uma reunião de referências sobre as diversas nações indígenas do Brasil. Aborda a pré-história brasileira, as condições de vida, os valores e as influências culturais dos povos indígenas.



#### Para lembrar

##### Entrevista por chat

Intenção principal → colher informações, depoimentos ou opiniões de um entrevistado a respeito de determinado assunto ou de fatos em evidência em certo momento

Suporte → internet

Número ilimitado de participantes

Os participantes podem interagir com o entrevistado

O moderador inicia e encerra a entrevista e seleciona as perguntas que serão efetivamente passadas ao entrevistado

Os participantes fazem perguntas de acordo com sua curiosidade ou motivações pelas perguntas dos demais participantes

A interação pode continuar por meio de blogs



## Entrevista fictícia

PRODUÇÃO PARA O PROJETO

Em dupla com um colega, você vai produzir uma entrevista fictícia para ser publicada na revista que produziremos no final do ano.

### Antes de começar

A entrevista a seguir não é nada convencional. Sente-se com seu colega de dupla; leiam-na para entender por quê.

#### Autoentrevista

##### És ciumento?

Nasci aqui na Bolívia mesmo. Nascer foi a melhor coisa que poderia ter me acontecido. Eu não seria o que sou hoje se não tivesse nascido. Acho que foi um parto normal. Perguntei para minha mãe mas ela insiste que não estava lá na ocasião. [...]

##### Preferes loira ou morena?

Bem, penso da morte a mesma coisa que penso das multinacionais. Ela está aí, existe, não há como evitá-la, pode até ser uma coisa boa na medida em que cria empregos, etc. – mas sou contra. Quanto à vida eterna minha preocupação não é se existe ou não, é chegar lá e encontrar os melhores lugares tomados por quem foi primeiro. [...]

##### Gostas do Roberto Carlos?

Acho que não há clima para um golpe, atualmente, no Brasil. Ainda mais no Rio, onde tem chovido muito. O que dá toda vantagem estratégica ao sapo, como se sabe.

##### És cínico ou crês no amor?

Tive uma infância comum, classe B, fundos. Minha família era tão classe média que tinha 3.2 filhos. [...] Parei de estudar quando decidi que a escola não estava me preparando para o que eu queria: vagabundo. Tudo que aprendi foi a vida que me ensinou. Só não me perguntem a vida de quem. [...]



Luis Fernando Verissimo. *A velhinha de Taubaté*. Porto Alegre: L&PM, 1994.

1. Duas características dessa entrevista a tornam diferente das entrevistas convencionais. Quais são elas?
2. O autor Luis Fernando Verissimo utilizou-se do formato de entrevista para produzir uma crônica. Lembrando-se de que a crônica tem como tema o cotidiano filtrado pelo olhar original do autor, que descobre humor, drama ou poesia nos fatos que existem à sua volta. Que efeito o desacordo entre perguntas e respostas produz?



### 3. Releiam.

"Parei de estudar quando decidi que a escola não estava me preparando para o que eu queria: vagabundo."

Nesse trecho, um dos elementos que produzem humor é o fato de o entrevistado imaginar que poderia ser preparado pela escola para ser vagabundo; outro elemento é ele pretender ser vagabundo. Agora releiam a segunda resposta. Expliquem o que há de humorístico em ser "contra" a morte.

### 4. Suas respostas anteriores permitem caracterizar a entrevista lida como jornalística ou como literária?

## Planejando o texto

### 1. Comecem a planejar a entrevista. Ela será fictícia, assim como a de Luis Fernando Verissimo, porém não será uma autoentrevista nem buscará efeitos de humor. Sigam estas orientações.

- Pensem em uma pessoa pública (por exemplo: um escritor, um músico, um atleta, uma personagem histórica, um cientista) sobre a qual vocês tenham várias informações.
- Elaborem perguntas que fariam a essa pessoa e respondam a elas de forma adequada e completa. Se necessário, pesquisem para poder dar as respostas.
- Deem um título e um subtítulo à entrevista.
- Criem um ou dois parágrafos apresentando o entrevistado ao leitor, como neste trecho da entrevista com Daniel Munduruku.

"Daniel Munduruku é escritor indígena com mais de 30 livros publicados, voltados principalmente para o público infantojuvenil. É diretor-presidente do INBRAPI - Instituto Indígena Brasileiro para Propriedade Intelectual, Comendador da Ordem do Mérito Cultural da Presidência da República e Pesquisador do CNPq."

- Diferenciem as perguntas das respostas (vocês podem, por exemplo, escrever seus nomes antes das perguntas e o nome do entrevistado antes das respostas).

## Avaliação e reescrita

- Mostrem a produção de vocês a outra dupla, que deve observar se as orientações foram seguidas. Os colegas também devem, se for o caso, propor modificações para melhorar o texto e apontar possíveis erros de grafia, pontuação e acentuação e/ou de conteúdo.
- Reescrevam o que acharem necessário e entreguem o texto ao professor.

### NÃO DEIXE DE ACESSAR

- <http://www.museudapessoa.net/mdl/memoriasDaLiteratura/index.cfm>

Entrevistas com importantes autores da literatura infantojuvenil brasileira (Tatiana Belinky, Ruth Rocha, Ricardo Azevedo etc.), que contam um pouco de sua infância e adolescência e de como se apaixonaram pela literatura.

### NÃO DEIXE DE LER

- Conversa com Fernando Pessoa, de Carlos Felipe Moisés, editora Atica**

Um estudante da 8ª série ganha o primeiro lugar num concurso sobre a vida e a obra de Fernando Pessoa e é escolhido pela escola para entrevistá-lo.



A escritora Ruth Rocha.



## REFLEXÃO SOBRE A LÍNGUA

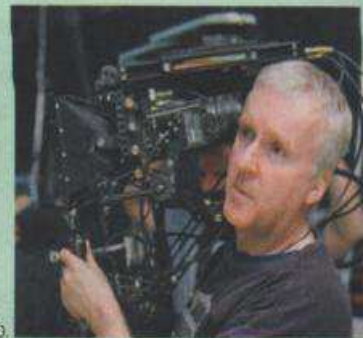
### Discurso direto e discurso indireto

O discurso direto e o discurso indireto são recursos usados para reportar, em um texto, aquilo que alguém disse. Eles podem ocorrer, por exemplo, em narrativas ficcionais, como o conto, a crônica, o causo, a piada, em que se reproduz o diálogo ou fala das personagens. Pode ocorrer também em gêneros como a entrevista e a reportagem, reproduzindo opiniões e informações de entrevistados.

1. Releia este trecho da entrevista com James Cameron, em que o jornalista conta como foi a conversa. Observe os trechos destacados.

"Cameron se comportou com simpatia. Conversou sem máscara, fazendo perguntas e dialogando. Estava curioso pela reação do público brasileiro a *Avatar*. **Eu lhe disse que o filme tinha tudo para agradar.** Afinal, narra a história da destruição da mata e do genocídio de uma tribo indígena. De outro planeta – mas isso é só um detalhe na simbologia dessa aventura espacial. **'O que mais quero é que os brasileiros se emocionem e entendam o recado', disse o cineasta, sorrindo.**"

Cameron em ação.



- a) Qual foi o comentário sobre *Avatar* feito pelo entrevistador a Cameron?
- b) Nos dois trechos destacados, o que é possível notar no que se refere à reprodução das falas do entrevistador e do entrevistado e ao uso do verbo **dizer**?
- c) Em qual dos trechos a fala foi reproduzida de forma direta? Em qual foi reproduzida de forma indireta?
- d) Que tipo de pontuação foi empregado no trecho em que a reprodução da fala se fez diretamente?

2. Releia e observe.

"O que [eu] mais quero é que os brasileiros se emocionem e entendam o recado", disse o cineasta, sorrindo."

- a) Em que pessoa e tempo está conjugado o verbo **querer**?
- b) Imagine que o entrevistador preferisse reproduzir com suas próprias palavras o que o cineasta lhe disse. Ele poderia começar sua frase assim: "O cineasta disse que ■". Complete a frase no caderno, incorporando a fala de Cameron ao enunciado do entrevistador.
- c) Na frase que você reescreveu, em que pessoa e tempo está o verbo **querer**?



3. Há mais de uma forma de apresentar o discurso direto (isto é, a reprodução exata da fala de alguém). Releia e compare.

"O que mais quero é que os brasileiros se emocionem e entendam o recado", disse o cineasta, sorrindo.

O cineasta disse, sorrindo:

– O que mais quero é que os brasileiros se emocionem e entendam o recado.

- a) Qual a diferença entre os dois trechos quanto à organização e à pontuação?

- b) Indique no caderno os trechos em que há discurso direto.

I. Quando a última mãe de aluno retirou-se, Juvenal levantou-se e dirigiu-se à secretária:

– Por obséquio, eu desejava fazer uma matrícula.

– Pois não – disse a moça, apanhando uma ficha de matrícula – como é o nome de seu filho?

Carlos Eduardo Novaes. Volta às aulas. In: Manual da C. Peretra. A palavra é... escola. São Paulo: Scipione, 1992.

II. Pedí à equipe que elaborasse um novo padrão de luminosidade, que reproduzisse ainda que parcialmente a riqueza da paleta de cores de uma selva.

Luis Antônio Giron, cit.

- c) Quais são os sinais gráficos que acompanham o discurso direto para introduzir as falas?

No **discurso direto**, o autor (em entrevistas e reportagens, por exemplo) ou narrador (em contos, crônicas e piadas, por exemplo) reproduz as palavras da pessoa entrevistada ou da personagem tal como foram ditas.

4. Releia o trecho e veja outra forma de representar a fala de alguém.

Quando a última mãe de aluno retirou-se, Juvenal levantou-se e dirigiu-se à secretária:

– Por obséquio, eu desejava fazer uma matrícula.

– Pois não – disse a moça, apanhando uma ficha de matrícula – como é o nome de seu filho?

Quando a última mãe de aluno retirou-se, Juvenal levantou-se, dirigiu-se à secretária e disse que desejava fazer uma matrícula. A moça, apanhando uma ficha de matrícula, perguntou-lhe como era o nome do filho dele.

- a) Qual a diferença entre os trechos em relação a:

I. divisão das frases em parágrafos?

II. pontuação?

III. adição de palavras?

IV. uso do tempo verbal na fala da moça?

V. uso de pronomes na fala da moça?

- b) Explique por que houve mudança no tempo verbal.

- c) Quando a reprodução da fala se faz por meio das palavras do próprio narrador, temos o discurso indireto. Em qual das versões do trecho, há discurso indireto, na da esquerda ou na da direita?

No **discurso indireto**, o autor ou narrador faz referência às palavras de alguém, incorporando essa fala ao próprio texto e efetuando algumas transformações (por exemplo, na organização do período, na pontuação, no uso de pessoa gramatical e tempos verbais, no uso de pronomes, advérbios de lugar e tempo).



5. Leia o trecho da crônica "A mentira".

João chegou em casa cansado e disse para sua mulher, Maria, que queria tomar um banho, jantar e ir direto para a cama. Maria lembrou a João que naquela noite eles tinham ficado de jantar na casa de Pedro e Luíza. João deu um tapa na testa, disse um palavrão e declarou que, de maneira nenhuma, não iria jantar na casa de ninguém. Maria disse que o jantar estava marcado há uma semana e seria uma falta de consideração com Pedro e Luíza, que afinal eram seus amigos, deixar de ir. João reafirmou que não ia. Encarregou Maria de telefonar para Luíza e dar uma desculpa qualquer. Que marcassem o jantar para a noite seguinte. [...]

Luís Fernando Veríssimo. *As mentiras que os homens contam*. São Paulo: Objetiva, 2000.



- Que tipo de discurso predomina nesse trecho: direto ou indireto?
- Os verbos normalmente empregados para indicar a fala de alguém são chamados de verbos de elocução ou de dizer. Que verbos de elocução aparecem nesse trecho?
- Que outros verbos de elocução você conhece?

Verbos de elocução são os chamados *verbos de dizer*: falar, comentar, repetir, responder, perguntar, ressaltar, contestar, explicar etc.

6. Compare os trechos em discurso direto com os trechos em discurso indireto.

"João chegou em casa cansado e disse para sua mulher, Maria, que queria tomar um banho, jantar e ir direto para a cama."

João chegou em casa cansado e disse para sua mulher:  
– Maria, quero tomar um banho, jantar e ir direto para a cama.

Em qual deles há uma representação mais viva da cena narrada? Explique.

7. Leia este trecho de uma crônica.

Na feira, a gorda senhora protestou a altos brados contra o preço do chuchu:  
– Isto é um assalto!  
Houve um rebuliço. Os que estavam perto fugiram. Alguém, correndo, foi chamar o guarda. [...]  
– Um assalto! Um assalto! – a senhora continuava a exclamar, e quem não tinha escutado, escutou, multiplicando a notícia. [...]  
O ônibus na rua transversal parou para assuntar. Passageiros ergueram-se, puseram o nariz para fora. Não se via nada. O motorista desceu, desceu o trocador, um passageiro advertiu:  
– No que você vai a fim de ver o assalto, eles assaltam sua caixa. [...]  
Janelas e balcões apinhados de moradores que gritavam:  
– Pega! Pega! Correu pra lá! [...]

Carlos Drummond de Andrade. Assalto. In: \_\_\_\_\_ et alii. *Crônicas*. São Paulo: Ática, 2011. (Col. Para Gostar de Ler).



a) No trecho lido, quais foram os verbos de elocução empregados?

b) Compare.

"Na feira, a gorda senhora **protestou** a altos brados contra o preço do chuchu:  
– Isto é um assalto!"

Na feira, a gorda senhora disse em **altos** brados:  
– O preço do chuchu é um assalto!"

c) O efeito do emprego do verbo **dizer** no trecho é o mesmo obtido pelo emprego de **protestar**? A substituição traz consequências para a descrição da cena? Explique sua resposta.

d) Qual pode ter sido a intenção do narrador ao empregar o verbo **protestar** (e não outro, como **falar** ou **dizer**)?

A escolha dos verbos de elocução contribui para a descrição de cenas e a caracterização de personagens em textos narrativos.

8. Leia esta piada.

A professora fala para Pedro:  
– Tenho uma boa e uma má notícia para você.  
– Qual é a boa?  
– Você tirou dez em Matemática.  
– E a má?  
– É mentira...



Anibal Litvin. Piadas de escola. Cotia: Vergara & Riba, 2008.

Reescreva a piada no caderno, mantendo o discurso direto, mas acrescentando verbos de elocução adequados. Para isso, imagine a cena, analise a atitude das personagens e leve em conta a intenção de provocar humor.

### Para lembrar

- O uso do **discurso direto e indireto** é um dos recursos utilizados para a representação de falas.
- No discurso direto, o autor ou narrador reproduz as falas tal como foram ditas.
- No discurso indireto, o autor ou narrador faz referência à fala de alguém, incorporando-a ao próprio texto e efetuando algumas transformações.
- Os verbos empregados para indicar as falas são chamados de **verbos de elocução** ou **de dizer**. Exemplos: **dizer, falar, afirmar, perguntar, declarar, responder, retrucar**.
- A escolha dos verbos de elocução contribui para a descrição de cenas e caracterização de personagens em textos narrativos.



## ATIVIDADES

1. O uso do discurso direto e indireto também está presente em textos jornalísticos. Leia este trecho de uma matéria jornalística.



### População de abelha diminui

[...]

O coordenador do projeto de estudo epidemiológico associado à mortalidade de abelhas *Apis mellifera* (africanizadas) na região de Altinópolis (SP), financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Dejour Message, diz que os apicultores vêm observando a diminuição da população de abelhas desde 2000. "Até agora, as pesquisas apontam três principais causas: um protozoário que se aloja nas células do intestino da abelha [...], o ácaro *Varroa destructor* e um inseticida usado em plantios de cana-de-açúcar", afirma Message. Ele diz, porém, que o envenenamento pelo inseticida é algo difícil de ser comprovado, pelo fato de ser necessária uma quantidade baixíssima do produto para matar uma abelha.

[...]

O Estado de S. Paulo, 16 maio 2011.

- a) De acordo com o texto, qual é a causa da diminuição de abelhas na natureza?  
b) Quem dá essa explicação?  
c) De que forma é reportada a fala dessa pessoa? Qual o verbo de elocução empregado?  
d) Copie no caderno o trecho em que aparece discurso indireto e indique qual é o verbo de elocução empregado.  
e) Nesse texto, aparecem dois diferentes verbos de elocução. Releia-o e responda: por que se emprega ora um, ora outro verbo de elocução?
2. Leia o trecho de uma entrevista com George Lucas, diretor da série de filmes *Guerra nas Estrelas*.

### George Lucas – "Sou um menino entretido num mundo que criei"

*O criador da série conta como as epopeias alimentam sua imaginação. E diz que vai dirigir filmes alternativos ao se aposentar*

[...]

ÉPOCA – Como surgiu a ideia de criar um novo universo mitológico?

George Lucas – Não há nada de novo nisso (risos). Pelo contrário. Estudei Antropologia e Mitologia na faculdade e acabei sistematizando uma velha paixão. Sempre fui fascinado pelas histórias antigas. [...] De alguma forma, os mitos explicam as características e motivações básicas do ser humano. Dão conta do funcionamento das sociedades até hoje. Eles continuam válidos. A mitologia é a grande fonte do cinema e, de resto, da arte e de todo o conhecimento humano. [...]

Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI10072-15295,00-GEORGE+LUCAS+SOU+UM+MENINO+ENTRETIDO+NUM+MUNDO+QUE+CRIEI.htm>>. Acesso em: 17 nov. 2011.

- a) Qual a função da palavra **risos**, entre parênteses, na fala de Lucas? O que ela esclarece ao leitor?  
b) Nesse trecho da entrevista, há discurso direto e indireto. Em que momento foi empregado cada um deles?



3. Releia.

"George Lucas – Não há nada de novo nisso (risos). Pelo contrário. Estudei Antropologia e Mitologia na faculdade e acabei sistematizando uma velha paixão."

- Se o entrevistador quisesse apresentar essa fala por meio de discurso indireto, como ela ficaria?
- Compare o texto original com o que você reescreveu. Em qual deles é possível ao leitor conhecer o entrevistado sem intermediários? Explique.

### REVISORES DO COTIDIANO

Imagine que, em um blogue dedicado a esclarecer dúvidas a respeito do uso da língua portuguesa, você encontrasse este post.

Ví esta notícia em um site de uma revista.

#### Miguel Falabella sobre Grazi Massafera: "Acho ela uma dama"

[...]

Falabella também não perdeu a oportunidade de elogiar Grazi Massafera, protagonista do folhetim. "Eu gosto da Grazi, eu tenho uma onda com ela. Acho ela uma dama", disse.

Disponível em: <<http://revistaquem.globo.com/Revista/Quem/0,,EMI272344-9531,00.html>>. Acesso em: 24 out. 2011.

Queria que você me respondesse se está correto dizer "acho ela".

O que você diria ao internauta que enviou essa pergunta? Como o redator poderia escrever essa manchete de acordo com a norma-padrão, sem parecer pedante aos leitores da revista?

## ATIVANDO HABILIDADES

- (Saresp) Leia o texto para responder à questão.

#### Candidata mais velha do Brasil, "Mamãe", 103, diz que cidades mudaram "para pior"

Religiosa, Deodata Pereira costuma comparecer com frequência às missas, sempre aos domingos, e responde com simplicidade quando alguém indaga o que fazer para chegar aos 100 anos. "Não fiz nada para atingir 100 anos, foi Deus quem determinou. Só digo uma coisa, nunca fumei e nunca bebi."

Saudosista, Deodata Pereira acredita que, com o passar dos anos, as cidades brasileiras mudaram "para pior". "Mamãe" também acha que os idosos são desrespeitados no Brasil.

Muito popular no bairro onde mora, "Mamãe" disse que gosta de ser "famosa". "Depois de velha é que a fama chegou. Demorou, mas chegou", afirma, com um sorriso.

Sem problemas de saúde, "Mamãe" diz ainda que está com "muita disposição" para participar das reuniões na Câmara de Feira de Santana, caso seja eleita em outubro próximo.

Fonte: MARTINEZ, Manuela. Candidata mais velha do Brasil... Eleições 2008, 27 jul. 2008. Últimas Notícias. Disponível em: <<http://eleicoes.uol.com.br/2008/ultnot/2008/07/27/ult6011u19.jhtm>>. Acesso em: 27 jul. 2008.



Em qual das alternativas a entrevistadora cita uma opinião da entrevistada?

- a) Depois de velha é que a fama chegou...
  - b) "Mamãe" também acha que os idosos são desrespeitados no Brasil.
  - c) Deodata Pereira costuma comparecer com frequência às missas.
  - d) Deodata Pereira responde com simplicidade sobre sua idade.
2. (Saresp) Leia o texto para responder à questão.

## Deliciosos e disfarçados

Que tal transformar alimentos aparentemente pouco nutritivos misturando ingredientes saudáveis à receita?

Jessica Seinfeld, cansada de tentar fazer com que seus filhos comessem frutas e verduras, certa vez misturou um purê de abóbora ao costumeiro macarrão da garotada. Todos se deliciaram, sem nem perceber a artimanha da mãe. A experiência levou a outras receitas, igualmente bem-sucedidas, e ela acabou lançando o livro *Deliciosos e Disfarçados*, em que ensina alguns truques para que os pais transformem alimentos aparentemente pouco nutritivos, como panquecas e tortas, em saudáveis. E sem que seus filhos percebam.

O exemplo é interessante porque revela que sempre se pode aumentar a qualidade da alimentação, independentemente da nossa cultura alimentar ou da de nossos filhos. E comer saudavelmente não é só empanturrar-se de biscoitinhos integrais e se esquecer de comer frutas, legumes e verduras. "O corpo precisa de uma quantidade recomendada de nutrientes. Portanto, o termo certo é alimentação saudável, e não alimento saudável, de uma forma isolada", diz a nutricionista Gláucia Padovan.

Mantendo essas ressalvas em mente, nada nos impede de comer, sem culpa, um combinado de fibras, vitaminas e sais minerais – com aparência de sanduíche ou salgado de botequim.

Fonte: Gustavo Prudente. *Deliciosos e disfarçados*. *Vida Simples*. São Paulo, n. 69, p. 61, ago. 2008.

No artigo da revista, a fala da especialista é indicada por:

- a) parênteses.
- b) travessão.
- c) aspas.
- d) parágrafo.

### Avalie seu aprendizado

1. Quais são as principais características do gênero entrevista?
2. Você costuma empregar predicativos para expressar opiniões ou julgamentos? Em que situações?
3. Você entendeu o que é discurso direto? E discurso indireto? Dê exemplos de verbos que você usaria para reproduzir a fala de alguém.